



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E CONTABILIDADE
- FEAAC
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

ADRIANA MARQUES DE SOUSA FREIRE

**O SIGNIFICADO DO TRABALHO PARA OS ARTESÃOS INDÍGENAS: UMA
ANÁLISE QUALITATIVA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DO BRASIL E DO MÉXICO**

FORTALEZA

2021

ADRIANA MARQUES DE SOUSA FREIRE

O SIGNIFICADO DO TRABALHO PARA OS ARTESÃOS INDÍGENAS: UMA
ANÁLISE QUALITATIVA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DO BRASIL E DO MÉXICO

Monografia apresentada ao Curso de
Administração do Departamento de
Administração da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial à obtenção do
título de bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Chaves Correia
Lima.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- F933s Freire, Adriana Marques de Sousa.
O significado do trabalho para os artesãos indígenas : uma análise qualitativa dos povos originários do Brasil e do México / Adriana Marques de Sousa Freire. – 2021.
62 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Administração, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Bruno Chaves Correia Lima.
1. Significado do trabalho. 2. Indígena. 3. Artesão. I. Título.

CDD 658

ADRIANA MARQUES DE SOUSA FREIRE

O SIGNIFICADO DO TRABALHO PARA OS ARTESÃOS INDÍGENAS: UMA
ANÁLISE QUALITATIVA DOS POVOS ORIGINÁRIOS DO BRASIL E DO MÉXICO

Monografia apresentada ao Curso de
Administração do Departamento de
Administração da Universidade Federal do
Ceará, como requisito parcial à obtenção do
título de bacharel em Administração.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bruno Chaves Correia Lima (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Tereza Cristina Batista de Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Elidihara Trigueiro Guimarães
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos povos originários.

AGRADECIMENTOS

À democracia, que me permitiu ser livre para pesquisar.

Aos meus pais, por dedicaram suas vidas a mim e aos meus irmãos, e por sempre me incentivarem aos estudos.

Aos meus irmãos, em especial minha irmã Andréa que sempre buscou me ajudar nos momentos mais difíceis.

Ao Prof. Dr. Bruno Chaves Correia Lima, pela orientação, incentivo, motivação, paciência, compreensão e humanidade comigo.

Aos índios, em especial: Eduardo Lopez e família, Gema Ante, Cacique Maurício, Nazaré Pitaguary, Carlos Guedes, e Telma Pacheco, pelas ricas contribuições para este trabalho.

À Maria Eduarda Pereira, Priscila Comi, Hugo Sánchez e família, Alejandra, Irlanda Rodríguez, Bere, San, Litzi, Amanda Renaly, Humberto Martinez Sa, Sotero Avila Acosta, e Luis Escobar pelo apoio durante minha estadia no México.

Aos meus professores, em especial: Márcia Zabdiele, Cláudio Leopoldino, Áurio Leocádio, Joelma Soares, Luciana Reinaldo, Eduardo Linhares, Araguacy Filgueiras, Hugo Acosta, e Diego Queiroz, pelo conhecimento compartilhado,

Ao Adm. Clóvis Matoso Vilela Lima e ao Adm. João de Paula Neto, que torceram por meu sucesso neste trabalho.

Aos meus amigos, em especial: Amanda Costa, Ilena Diógenes, Aline Ribeiro, Kevin Sims, Luciano Filho, Sandry Saouza, Larissa Ingrid, Flávia Saraiva e Márcio Roberto, pelo apoio e carinho transmitidos a mim.

À minha terapeuta, Dra. Germana Leite, pelo acompanhamento, incentivo e confiança em mim.

Ao Pedro, Ayla, Lili e Fernando, pelo apoio durante o processo de minha graduação.

A todos que fazem a FEAAC, dos responsáveis pela limpeza, patrimônio, biblioteca, aos terceirizados e servidores, aqui representados pelo Washington, Francisco, Aliatar Diogenes Neto, Sandra, e Izabel Lima.

Ao Prof. Augusto César de Aquino Cabral e Profa. Sandra Maria dos Santos, pelo incentivo de realizar meus projetos extra sala de aula, através da confiança depositada ao apoiar a realização desses dentro da FEAAC.

Aos grupos de formação extra sala de aula que tiveram grande importância para minha formação: Atlético da FEAAC UFC, PET ADM UFC, CA ADM UFC, LESS, PAI, Corredor Cultural do Benfica, e Companhia de Dança UFC.

A todos que bem ou mal, fizeram parte de minha trajetória até aqui.

“Taa kalli ka coní, alebrijes ka tooí.”

“Pintar es mi vida, alebrijes es mi destino.”

“Pintar é minha vida, alebrijes é meu destino.”

(EDUARDO LOPEZ, 2018).

RESUMO

O trabalho é um aspecto comum na vida dos indivíduos, mas seu significado tende a mudar de acordo com suas percepções e mudanças sociais. A vista disso, considerando que povos originários (ou povos indígenas) têm características únicas de trabalho baseadas, muitas vezes, na própria organização social da comunidade ou da etnia, bem como no artesanato (trabalho manual), o presente estudo tem como objetivo analisar o significado que os artesãos indígenas do Estado do Ceará, no Brasil, e do Estado de Nuevo León, no México, atribuem ao trabalho artesanal que realizam. Para tal, realizou-se a coleta de dados a partir de entrevistas semi estruturadas, de cunho qualitativo, com onze artesãos indígenas, dos quais seis são brasileiros e cinco são mexicanos. Como modelo de análise, foram utilizados os conceitos teóricos da pesquisa *Meaning of Work International Research Team* – MOW, realizada na década de 1980, que classifica o significado do trabalho em três dimensões abordadas pela equipe MOW: centralidade do trabalho, normas sociais do trabalho e resultados e objetivos valorizados do trabalho. Os resultados da presente pesquisa indicam o trabalho como um aspecto central na vida dos artesãos indígenas entrevistados. Contudo, observou-se que, para os artesãos indígenas mexicanos, o trabalho é menos valoroso que os laços familiares. Quanto às normas sociais, percebeu-se que, tanto para os artesãos indígenas brasileiros quanto para os mexicanos, são orientadas mais pelos seus direitos do que pelos deveres, ou seja, relatam que têm mais direitos do que deveres perante a sociedade. Quanto à terceira dimensão, verificou-se, a partir das motivações pelas quais os artesãos indígenas trabalhavam, que os aspectos expressivos são tão importantes quanto os econômicos. O reconhecimento do trabalho pela sociedade é de grande importância para eles, tanto em termos culturais quanto financeiros, mas que, independentemente disso, o trabalho é valorizado por eles mesmos, uma vez que faz parte do próprio eu, afetivamente, principalmente para os artesãos indígenas brasileiros, e como manutenção familiar, principalmente para os artesãos indígenas mexicanos. Essa necessidade de valorização do trabalho pela sociedade, observada principalmente na 3ª dimensão, se dá ao valor da identidade cultural, como povos originários, para eles e para a sociedade como um todo.

Palavras-chave: Significado do trabalho. Indígena. Artesão.

RESUMEN

El trabajo es un aspecto común en la vida de las personas, pero su significado puede cambiar según sus percepciones y cambios sociales. Ante esto, considerando que los pueblos originarios (o pueblos indígenas) tienen características laborales únicas, muchas veces basadas en la organización social de la comunidad o etnia, así como en la artesanía (trabajo manual), el presente estudio tiene como objetivo analizar el significado que los artesanos indígenas del Estado de Ceará, en Brasil, y del Estado de Nuevo León, en México, atribuyen al trabajo artesanal que realizan. Para ello, se recolectaron datos a partir de entrevistas semiestructuradas, de carácter cualitativo, con once artesanos indígenas, de los cuales seis son brasileños y cinco mexicanos. Como modelo de análisis se utilizaron los conceptos teóricos de la investigación del Equipo Internacional de Investigación en Sentido del Trabajo - MOW, realizada en la década de 1980, que clasifica el significado del trabajo en tres dimensiones abordadas por el equipo MOW: centralidad del trabajo, social normas de trabajo y resultados y objetivos valorados del trabajo. Los resultados de la presente investigación indican el trabajo como aspecto central en la vida de los artesanos indígenas entrevistados. Sin embargo, se observó que, para los artesanos indígenas mexicanos, el trabajo es menos valioso que los lazos familiares. En cuanto a las normas sociales, es claro que, tanto para los artesanos indígenas brasileños como para los mexicanos, se guían más por sus derechos que por sus deberes, es decir, informan que tienen más derechos que deberes ante la sociedad. En cuanto a la tercera dimensión, se verificó, a partir de las motivaciones por las que trabajaron los artesanos indígenas, que los aspectos expresivos son tan importantes como los económicos. El reconocimiento del trabajo por parte de la sociedad es de gran importancia para ellos, tanto en términos culturales como económicos, pero que, independientemente de eso, el trabajo es valorado por ellos mismos, ya que es parte del yo, afectivamente, principalmente para los artesanos indígenas. Brasileños, y como manutención familiar, principalmente para artesanos indígenas mexicanos. Esta necesidad de valoración del trabajo por parte de la sociedad, observada principalmente en la 3ª dimensión, se debe al valor de la identidad cultural, como pueblos originarios, para ellos y para la sociedad en su conjunto.

Palabras clave: Significado del trabajo. Indígena. Artesano.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O SIGNIFICADO DO TRABALHO	13
2.1	Aspectos históricos	13
2.2	Conceito do significado trabalho	17
2.3	Classificações e modelos do significado do trabalho	19
2.3.1	<i>Modelo Teórico MOW (1987)</i>	21
2.3.1.1	<i>Centralidade do trabalho</i>	29
2.3.1.2	<i>Normas Sociais do trabalho</i>	32
2.3.1.3	<i>Resultados e objetivos valorizados do trabalho</i>	33
3	MÉTODO	36
4	RESULTADOS	41
4.1	Apresentação	41
4.2	Centralidade do trabalho	44
4.3	Normas Sociais do trabalho	49
4.4	Resultados e objetivos valorizados do trabalho	53
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS ARTESÃOS INDÍGENAS NO ESTADO DO CEARÁ, NO BRASIL, E NO ESTADO DE NUEVO LEÓN, O MÉXICO	62

1 INTRODUÇÃO

A vida do ser humano se constitui baseada nas diversas formas de organização e uma delas é uma atividade que ele realiza em sociedade: o trabalho. Segundo Riascos (2017, p. 20), baseado em estudos de Del Carpio, Álvaro e Garrido (2014), Luque, Gomez e Cruces (1999), “pessoas passam grande parte do seu ciclo de vida nas atividades relacionadas com o trabalho, por isso, se torna em um aspecto estruturador dos papéis sociais”.

Ao longo dos anos, a concepção de trabalho como meio de sobrevivência com finalidade financeira foi se tornando mais complexa, uma vez que a percepção do trabalho como retorno unicamente financeiro não era mais suficiente para o ser humano. Na administração, por exemplo, valores foram sendo oficialmente incorporados como influenciadores e, por vezes, detentores do processo de produtividade e satisfação do indivíduo no seu trabalho, como apresenta a filosofia das relações humanas, em que, segundo Maximiano (2007), o desempenho do trabalho era influenciado não somente por métodos, mas também pelo comportamento.

Nesse contexto, o trabalho tem diferentes significados para cada grupo que são influenciados socialmente e culturalmente, podendo ainda esse significado variar de indivíduo para indivíduo dentro de um mesmo grupo. Segundo Riascos (2017, p. 30), “[...] a evolução das sociedades e a cultura mostram novas formas de posicionar-se diante das condições do entorno, de criar significados e sentidos daquilo que se estabelece como parte do cotidiano, entre esses, do trabalho”.

Considerando que povos originários (ou povos indígenas), têm características de organização de trabalho únicas, baseadas muitas vezes na própria organização social da comunidade ou da etnia, os produtos manuais criados por esses indivíduos, denominados como artesanato, ainda é, conforme Goldstein (2014), muito negligenciado pela sociedade e desassociado ao conceito de arte, inclusive sendo “uma das estratégias de hierarquização desse sistema” (p. 3). Justifica-se essa pesquisa, para os artesãos indígenas pela necessidade de expressar sobre o seu significado do trabalho, e para a sociedade conhecer esse significado.

Alguns dos participantes dos povos indígenas, apesar de receberam influência da cultura da sua etnia de origem, conseguiram se estabelecer na região urbana no decorrer do tempo (CARVALHO, [entre 2007 e 2021]), escrevem suas histórias e mantêm sua cultura nativa através do trabalho artesanal (GOLDSTEIN, 2014). Esses indivíduos, nomeados na presente pesquisa como artesãos indígenas, são, muitas vezes, a porta de comunicação do seu povo com o restante da sociedade.

Diante desse cenário, o problema do presente estudo é: Qual o significado que os artesãos indígenas brasileiros e mexicanos, atribuem ao trabalho artesanal que realizam? Sendo assim, o objetivo geral é analisar o significado que os artesãos indígenas, do Estado do Ceará, no Brasil, e do Estado de Nuevo León, no México, atribuem ao trabalho artesanal que realizam.

Para nortear o processo de análise de dados, foi utilizado o modelo teórico da pesquisa realizada no *Meaning of Work International Research Team (MOW)* (1987), que contempla a coleta e análise de dados de contextos diferenciados e aprofundados sobre significado do trabalho, que foi desenvolvido para um estudo quantitativo a partir de dados estatísticos e com conceitos divididos em três dimensões: a centralidade do trabalho, que trata da importância do trabalho na vida do indivíduo; as normas sociais, que refere-se aos direitos e deveres do indivíduo em relação ao trabalho; e os resultados e objetivos valorizados, onde verifica-se os motivos pelos quais o indivíduo trabalha (GRANGEIRO; BASTOS, 2018). Para o presente estudo de natureza qualitativa, foram utilizados os conceitos teóricos das três dimensões propostos pelo modelo elaborado pela equipe MOW (1987), não fazendo o uso da escala e questionário, conciliando os dados coletados com as três dimensões do modelo de forma teórica, para identificar o significado do trabalho de indivíduos e dos dois grupos aqui pesquisados.

Com base nas três dimensões do modelo elaborado pela equipe MOW (1987), este trabalho tem como objetivos específicos:

- a) Caracterizar a centralidade do trabalho para os artesãos da região do Ceará no Brasil e de Nuevo León, no México;
- b) Examinar possíveis diferenças e semelhanças desses dois grupos em relação às normas sociais do trabalho;
- c) Identificar as motivações para o trabalho dos artesãos indígenas pesquisados.

Como método, a pesquisa tem abordagem qualitativa com finalidade descritiva, por meio de estudo caracterizado por multicase, uma vez que a pesquisa foi realizada com 11 artesãos indígenas, sendo 5 deles do Estado de Nuevo León e 6 deles do Estado do Ceará, escolhidos por acessibilidade, na qual a técnica de coleta de dados foram entrevistas semi-estruturadas aplicadas em campo.

A pesquisa é apresentada em cinco seções: a primeira refere-se a introdução, que expõe a contextualização geral de todo o trabalho realizado; na segunda seção está o referencial teórico que apresenta o histórico do trabalho, desde o significado do trabalho até a

teoria norteadora da presente pesquisa: os conceitos teóricos do modelo elaborado pela equipe MOW (1987); a terceira seção descreve o método utilizado para a pesquisa; a quarta seção expõe e interpreta os resultados; e, por fim, na quinta seção têm-se as considerações finais.

2 O SIGNIFICADO DO TRABALHO

Nesta seção foi abordado o referencial teórico, que compreende desde a contextualização histórica do trabalho até os conceitos do significado do trabalho e a teoria norteadora da presente pesquisa: os conceitos teóricos elaborados pela equipe MOW (1987).

2.1 Aspectos históricos

O trabalho é uma atividade comum aos seres humanos, que ao longo dos anos passou por evoluções sociais. O conceito dessa atividade é complexa e influencia todas as demais áreas da vida, seja da vida individual, familiar ou social. Frassa (2005 *apud* RIASCOS, 2017, p. 22) afirma que o trabalho é “um aspecto estruturador dos papéis sociais e da vida social como um todo”, que influencia a identidade, o cotidiano, as relações sociais e o status social do indivíduo, o trabalho como uma relação social.

Historicamente, segundo Ornellas e Monteiro (2006), na Antiguidade Clássica (V. a. C), período compreendido das civilizações da Grécia Antiga e Roma Antiga, o trabalho se dividia em duas perspectivas, uma dominada pela elite que tinha o trabalho relacionado às atividades intelectuais, artísticas e políticas, e outra pela classe dominada, responsável pelas atividades turísticas que exigia esforço físico. Por muitos séculos, a classe dominante foi tratada em condições escravistas e chamados de escravos. Na Antiguidade Grega, segundo Blanch (2003 *apud* BENDASSOLLI; GONDIM 2014, p. 138, grifo do autor), o trabalho tinha várias atribuições que permeiam entre “*ponos* (penalidade, dor física, dor moral); *banausía* (tarefa mecânica, humanamente degradante); *ergón* (força, realização); e *sjolé* (atividade contemplativa, filosófica)”, e com o desenvolvimento tecnológico a palavra trabalho ganhou associações principalmente ligadas a função psicológica. Essa função psicológica se dá no aspecto do trabalho como um objeto exterior à pessoa que o realiza, e por seu distanciamento que a faz pensar sobre o valor do seu trabalho (MEYERSON, 1987 *apud* BENDASSOLLI; GONDIM, 2014). Tal aspecto vai se relacionar aos conceitos de significado e sentido em estudos sobre o trabalho, abordados à frente.

Passando pelo Feudalismo da Idade Média, foi na Renascença que se começou a discutir sobre humanismo. Na Revolução Industrial, entre os séculos XVIII e XIX, significativas transformações mudaram o cenário do trabalho, que passou de artesanal e rural para industrial, se expandindo ao longo dos anos. Segundo Riascos (2017, p. 24), “esta expansão industrial, produto da aplicação em diferentes níveis (político, econômico e social)

corresponde ao triunfo da filosofia liberal como forma de conceber a sociedade e seus indivíduos”, que impactou a maneira de organização da sociedade.

Nesse contexto industrializado, o trabalho escravo foi substituído pelo trabalho assalariado, onde o indivíduo trocava sua produtividade por uma remuneração, ainda precária em relação às condições de vida do trabalhador. Por algumas décadas do século XIX, o período industrial nas organizações foi norteado pela Administração Científica, principalmente pelas ideias de Taylor e Fayol, que tinham como conceito do trabalho aquele conduzido em uma Produção em Massa, caracterizado pela produção padronizada, seriada e especializada (ORNELLAS; MONTEIRO, 2006). Por volta dos anos 1940, estudos traduzidos de Max Weber afirmavam que o comportamento do indivíduo em relação ao trabalho seria eficiente se regido por normas e hierarquias bem estabelecidas (MAXIMIANO, 2007). Conhecida como Administração Burocrática, os estudos de Weber desenvolveram normas e/ou leis comuns das atividades do trabalho nas organizações (MAXIMIANO, 2007).

Até então, não se discutia sobre os trabalhadores das organizações, o foco era o aproveitamento dos recursos e os processos dentro das organizações. No entanto, as más condições de trabalho do indivíduo, como ser pessoal e trabalhador, começaram a incentivar o surgimento de estudos com percepções mais focadas nas relações humanas, como a Administração das Relações Humanas de Elton Mayo, que afirma, segundo Maximiano (2007), que a produtividade dos trabalhadores era influenciada não somente pelos métodos aplicados no trabalho, mas também pelo comportamento e relações entre os trabalhadores. Esses e vários outros estudiosos contribuíram para a evolução nas teorias comportamentais, como a Escola de Qualidade, que teve dentre suas maiores contribuições trazidas para o trabalho nas organizações, os sistemas de produção, influenciados pela cultura Japonesa (MAXIMIANO, 2007); sendo um dos fatos que demonstram isso, por exemplo, quando no pós-guerra muitos países adotaram princípios da administração vindos do Japão (ORNELLAS; MONTEIRO, 2006).

Muitos foram os estudos para melhorar o trabalho e consequentemente a produtividade das empresas, que influenciaram no sistema global do século XXI, mas a organização japonesa do trabalho, segundo Gorender (1997) retrata um dos componentes principais na globalização capitalista que levaram ao surgimento de conceitos de competitividade e empreendedorismo, modificando a percepção do trabalho. Segundo Leão (2012, p. 297) desde os estudos de Mayo, passou-se a valorizar “[...] os sistemas de recompensas e penalidades, esquemas de incentivos, aprendizagem, grupos de trabalho com suas normas próprias, a motivação, relações de cooperação, competição e indiferença”.

Visto isso, os conceitos e percepções do trabalhador em relação ao seu trabalho seria atribuído de diferentes formas em sua vida. Para Riascos (2017), o conceito de trabalho perpassa a ideia de consumo de bens e serviços dentro da sociedade, sendo de grande importância para esta, uma vez que há pressões sociais como a entrada de pessoas no mercado de trabalho, e a “dignificação” da pessoa através da atividade que exerce. Mesmo não sendo o único elemento, o trabalho tem um papel central na vida das pessoas, estando ela ativa ou não no mercado de trabalho (JAHODA, 1987 *apud* RIASCOS, 2017). Segundo Nunes et al. (2019, p. 383): “O trabalho, considerado um elemento central da vida humana, exerce influência tanto na vida profissional quanto pessoal do indivíduo. Trata-se de um fenômeno amplo, dinâmico e multifacetado que pode assumir diferentes concepções”.

Muitos são os significados e sentidos atribuídos ao trabalho, apesar de serem termos considerados similares no senso comum (RIASCOS, 2017), sendo que alguns autores relacionam ou diferenciam esses dois termos, significado e sentido, fora e dentro do âmbito do trabalho. Vigotsky (2010 *apud* RIASCOS, 2017) diferencia o sentido e significado considerando as diversas interpretações individuais em relação ao mundo, afirmando que o sentido está acima do significado, sendo o significado, por exemplo, associado a uma atribuição mais simples de um conceito, e o sentido, mais complexo e fluido. Essa fluidez também pode ser associada aos estudos de Saavedra (2002 *apud* RIASCOS, 2017, p. 48), que afirma que “[...] o sentido é compreendido como a dinâmica de criação da linguagem, do discurso em uso, da forma como se significa. Não é uma forma estática e acabada, mas dinâmica na sua construção”.

Os primeiros estudos sobre sentido do trabalho foram dos psicólogos Hackman e Oldham (1975 *apud* TOLFO; PICCININI, 2007), que estudavam a qualidade de vida do trabalho e o próprio sentido do trabalho. Eles acreditavam que o sentido do trabalho era representado levando em consideração três características básicas:

- (a) a variedade de tarefas que possibilita a utilização de competências diversas, de forma que o trabalhador se identifique com a execução; (b) um trabalho não-alienante, onde o trabalhador consegue identificar todo o processo – desde sua concepção até sua finalização – e perceber seu significado do trabalho, de modo que contribua para o ambiente social, a autonomia, a liberdade e a independência para determinar a forma com que realizará suas tarefas, o que aumenta seu sentimento de responsabilidade em relação a elas; e (c) o retorno (*feedback*) sobre seu desempenho nas atividades realizadas, permitindo ao indivíduo que faça os ajustes necessários para melhorar sua performance (HACKMAN; OLDDHAM 1975 *apud* TOLFO; PICCININI, 2007, p. 39, grifo do autor).

Bendassolli e Gondim (2014, p. 140), relaciona os dois termos diante de vários estudos teóricos. Em relação ao trabalho, por exemplo, afirmam que “[...] a apreensão do

sentido do trabalho no nível do sujeito revela os aspectos ‘micro’ do nível de significado de pertencimento grupal e do nível sociocultural mais amplo. Em contrapartida, o significado no nível social e cultural permite inferir aspectos no nível individual”. Ou seja, o significado do trabalho é associado pelo indivíduo a partir das atribuições de conceitos sociais e coletivas, enquanto o sentido do trabalho para o indivíduo é atribuído às perspectivas individuais; abordagem também defendida por Tolfo e Piccinini (2007), mas que para eles, o significado e sentido interferem um no outro e inter-relacionam entre si, como também concorda Rosso, Dekas e Wrzesniewski (2010 *apud* BENDASSOLLI; GONDIM, 2014, p. 132), afirmando que o significado dá destaque “às cognições e interpretações socialmente compartilhadas sobre o trabalho” e o sentido preocupa-se em compreender “o ato de dar sentido ao trabalho, ou seja, nos mecanismos que dão a este a “qualidade de ser significativo” (literalmente: *meaningfulness*)” Rosso, Dekas e Wrzesniewski (2010 *apud* BENDASSOLLI; GONDIM, 2014, p. 132).

Segundo Riascos (2017), o sentido e significado são subjetivos e subjetivados, uma vez que a construção do sentido também tem o contexto social do qual o significado é baseado, sendo assim, no contexto do trabalho, o “trabalho como atividade e o mundo do trabalho” (p. 51). Ribeiro (2014, p. 101 *apud* RIASCOS, 2017, p. 50), realiza a diferenciação entre os conceitos de significado e sentido afirmando que, os significados foram os discursos, que “visam cristalizar posicionamentos através da produção de significados”, e os sentidos foram as narrativas que “visam interpelar e desconstruir os discursos através da produção de sentidos.” Ribeiro (2014, p. 101 *apud* RIASCOS, 2017, p. 50).

Segundo Morin (2001), o trabalho exerce grande importância na vida das pessoas, para o entendimento dos significados e sentidos do trabalho na contemporaneidade, seja para ter contatos com outras pessoas, se sentir pertencente, manter-se ocupado, evitar a monotonia, ou ter um propósito de vida, e que, apesar de passar por grandes mudanças constantemente, constitui um papel fundamental na construção do indivíduo na sociedade, sendo um meio de sustento e satisfação.

De acordo com Nardi, Titoni & Bernardes (2002, p. 304 *apud* SCHMIDT et al., 2017, p. 140) os estudos da relação do trabalhador com o seu trabalho buscaram verificar dois enfoques clássicos básicos, um “de cunho econômico”, relacionado às atividades dos trabalhadores, e outro “de cunho psicológico”, relacionado às individualidades do trabalhador e suas motivações.

Segundo Rosso et al. (2010 *apud* NEIVA, 2016), em relação aos estudos internacionais, sobre “sentido” e “significado” do trabalho, fizeram uma grande análise sobre

as palavras *meaning* e *meaningfulness* ou *meaningful*, sobre o trabalho, no qual, segundo eles, a palavra *meaning* está relacionada a “significado”, e *meaningfulness* ou *meaningful* está relacionado ao “sentido”, no qual está associado a quantidade de significado para o indivíduo. Nos estudos sobre *meaning of work* (significado do trabalho), os autores compreendem o significado do trabalho “[...] como: (1) uma interpretação individual, na qual, os indivíduos possuem um senso de algo ou o que ele significa e; (2) as percepções são determinadas individualmente e são influenciadas pelo ambiente ou contexto social” (ROSSO et al., 2010 *apud* NEIVA, 2016, p. 64).

O que se nota, de forma geral, é que mesmo com diversas abordagens para definir sentido e significado do trabalho, essas mesmas abordagens coincidem na compreensão de ambos os termos serem atribuídos pelos indivíduos, a partir de suas experiências, dentro de suas percepções dos seus contextos culturais e sociais (TOLFO, 2015 *apud* NUNES et al., 2019). Ou seja, o sentido e o significado do trabalho são influenciados pelo contexto social, mesmo que os processos de transformações do trabalho sejam constantes.

Dessa forma, a presente pesquisa usa o termo significado para atribuir toda a perspectiva do indivíduo no trabalho, justificada não somente por essa compreensão comum aos estudos levantados, como também pelo modelo elaborado pela equipe MOW (1987) escolhido para esta pesquisa, que se utiliza do mesmo termo. Além disso, a maioria dos estudos levantados neste presente estudo afirmam que a pesquisa realizada pela equipe MOW (1987) é um estudo clássico e de referência para todos que abordam o tema de sentido e significado do trabalho.

2.2 Conceito do significado trabalho

Os estudos sobre o significado do trabalho se dividem principalmente em duas perspectivas, a psicológica e a sociológica, na qual a psicológica relaciona o conceito do significado do trabalho “[...] às interpretações subjetivas dos indivíduos com suas experiências e interações com o trabalho” (NEIVA, 2016, p. 65), associado pelos estudiosos a “[...] crenças gerais, valores, atitudes sobre o trabalho” (BRIEF e NORD, 1990; NORD et al., 1999; ROBERSON, 1990; ROS, SCHWARTZ e SURKISS, 1999 *apud* NEIVA, 2016, p. 66) “[...] até experiência pessoal e a importância do trabalho” (MOW, 1987; WRZESNIEWSKI, DUTTON e DEBEBE, 2003 *apud* NEIVA, 2016, p. 66), que é o enfoque da presente pesquisa, guiada pelos conceitos teóricos elaborados pela equipe MOW (1987), abordado no decorrer desta seção. Já pela perspectiva sociológica, o conceito do significado do trabalho é

relacionado às “[...] percepções dos indivíduos atentando para suas visões de mundo social ou influenciadas culturalmente e os sistemas de valores” (GEERTZ, 1973; KLUCKHOHN, 1951; KLUCKHOHN e STRODTBECK, 1961; MEAD, 1934 *apud* NEIVA, 2016, p. 66), tornando o trabalho significativo também, quando associado aos valores que as pessoas designam a ele dentro de um contexto social e cultural. Rosso, Dekas e Wrzesniewski (2011 *apud* NEIVA, 2016), nas pesquisas levantadas por eles, explicam que o significado do trabalho pode estar relacionado aos valores, motivação e crenças, unicamente em si ou associados a relações familiares e no trabalho; ou, analisado dentro do âmbito organizacional, levando em consideração questões financeiras, por exemplo; ou ainda, relacionado à espiritualidade do indivíduo.

Como já apresentado e tratado no decorrer da pesquisa, o significado do trabalho está relacionado, na maioria dos estudos levantados, a uma percepção social que o indivíduo tem em relação ao seu trabalho, em que suas experiências e sua interpretação em relação a ela dão subsídios para a atribuição do seu significado do trabalho. Segundo Borges e Tamayo (2001, p. 15), as primeiras pesquisas do significado do trabalho com essa “cognição social” iniciaram-se principalmente na Psicologia, com autores como MOW, 1987; Soares, 1992; Salmaso & Pombeni, 1986; Pérez, 1996; Bnef & Nord, 1990; Brief, Rose & Adalg, 1977; Borges-Andrade, 1995, afirmando que, para a interpretação do significado do trabalho, eles o caracterizam como multifacetado, ou seja, há diversos aspectos para conceituá-lo.

Essa diversificação de conceitos do significado do trabalho também se dividem em duas tendências, uma fenomenológica e outra existencialista, na qual a primeira tem enfoque em pesquisas empírico-descritivas que identificam e classificam as dimensões do significado do trabalho, descrevendo-o sem relacioná-lo com o meio que está inserido, a partir de dados qualitativos e quantitativos (BORGES; TAMAYO; ALVES-FILHO, 2005 *apud* NEIVA, 2016); e a segunda tem enfoque na perspectiva de que “o homem é construtor dos sentidos através da sua relação com o mundo e responsável pela criação dos seus significados” (GILES, 1989; SARTRE, 1961 *apud* NEIVA 2016, p. 67 e 68). A partir dessas descrições, pode-se dizer que o modelo elaborado pela equipe MOW (1987) tem uma tendência mais existencialista, uma vez que aborda conceitos estruturados para identificar o significado do trabalho na perspectiva do indivíduo em relação ao seu trabalho.

Os estudos sobre o significado do trabalho surgiram por volta dos anos 80, quando pesquisadores da *International Research Team*, de Londres, realizaram pesquisas que foram reunidas no *Meaning of Work International Research Team* (MOW) em 1987 (GRANGEIRO; BASTOS, 2018), e no Brasil, segundo levantado por Grangeiro e Bastos (2018) o tema foi

estudado a priori por Soares (1992) e Bastos, Pinho e Costa (1995). Para Bendassolli e Gondim (2014, p. 132), a maneira como o significado do trabalho foi estudado pela equipe MOW (1987) “contribuiu para a compreensão do significado do trabalho como uma cognição social, ou seja, uma interpretação compartilhada do mundo do trabalho, na qual estão envolvidos aspectos históricos, econômicos, políticos e culturais.” Bendassolli e Gondim (2014, p. 132)

Bendassolli e Borges-Andrade (2011) associam o significado do trabalho como uma atitude, que fundamentada pela psicologia social, refere-se à “consideração das representações culturais formadas sobre ele, dos afetos a ele ligados e do modo como a interação desses elementos repercute na ação no trabalho” (p. 145). Essa interação é identificada na pesquisa realizada pela equipe MOW (1987) na utilização do termo significado do trabalho como uma atribuição individual, grupal e social que o indivíduo tem, dentro de normas que delimitam esse significado para esse indivíduo, com os resultados do trabalho dele e para ele atribuído (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012). Segundo Neiva (2016, p. 67), para a equipe MOW (1987) “o significado do trabalho é determinado através da experiência pessoal e contexto organizacional, no qual o indivíduo está inserido”. Assim dizendo, os conceitos abordados nas pesquisas realizadas pela equipe MOW (1987) reúne os aspectos dentro da perspectiva social de cada indivíduo, permitindo a relação entre eles e suas dimensões. Segundo Borges e Tamayo (2001), os aspectos que dão subsídio para identificar o significado do trabalho não são iguais em todos os estudos que pesquisaram sobre o tema, como apresentado adiante.

2.3 Classificações e modelos do significado do trabalho

Enquanto os pesquisadores da equipe MOW (1987) desenvolveram a estrutura geral do conceito de significado do trabalho em três dimensões — a centralidade do trabalho, que se refere à importância que o trabalho tem na vida do indivíduo e sua importância em relação a outras áreas da vida; as normas sociais do trabalho, sendo essa a relação do indivíduo com os direitos e deveres associados ao seu trabalho; e os resultados e objetivos valorizados do trabalho, relacionada às motivações do indivíduo ao seu trabalho (BASTOS; PINHO; COSTA, 1995) —, “Morin (1997, 2001, 2003, 2007), Morin e Cherré (1999) e, especialmente, Morin e Dassa (2006)” (BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011, p. 145), vão utilizar dos conceitos teóricos e escala similar do modelo elaborado pela equipe MOW (1987), mas incluir a “perspectiva humanístico-fenomenológica de Weisskopf-Joelson

(1968), a teoria do enriquecimento do cargo de Hackman e Oldham (1976) e também a teoria dos sistemas sociotécnicos de Emery (1964) e Trist (1981)” (BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011, p. 145), definindo o significado do trabalho em uma:

[...] função de três dimensões: pelas representações formadas sobre ele (imagens, ideias, concepções prévias trazidas pela pessoa – ou seja, sua dimensão cognitiva); pela motivação para trabalhar, isto é, pelos objetivos ou valores atualizados ou alcançados por meio do trabalho; e pela coerência que a pessoa encontra entre o trabalho tal como ela o imagina ou espera (elementos valorativos ou ideativos) e aquele que efetivamente é levada a realizar (ou a perceber) em seu dia a dia. Tal coerência depende, por sua vez, de uma sincronia entre aspectos ligados ao indivíduo e as características das situações de trabalho vivenciadas por esse último (influência do modelo sociotécnico) (BENDASSOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011, p. 146).

Segundo Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012), as pesquisas da equipe MOW (1987) e de Morin (2001) apontam que a maioria dos indivíduos continuariam a trabalhar mesmo que não precisassem, sendo as principais razões para esse comportamento, segundo Morin (2001, p. 9), que eles o fariam “para se relacionar com outras pessoas, para ter o sentimento de vinculação, para ter algo que fazer, para evitar o tédio e para se ter um objetivo na vida”.

Morse e Weiss (1995 *apud* GOULART, 2009) tem suas pesquisas descritas como pioneiras sobre o significado do trabalho nos Estados Unidos, nas quais foram pesquisados 401 norte-americanos de diferentes categorias profissionais, onde 80% das respostas foram positivas para a pergunta primordial: “Você continuaria trabalhando se ganhasse na loteria?” (p. 48). Assim, “[...] observando que os indivíduos que exerceram ocupações típicas de nível salarial médio (gestores) associam o trabalho a um objetivo de vida, realização e autoexpressão, enquanto as categorias profissionais de baixos níveis salariais o relacionam à ocupação” (GOULART, 2009, p. 48). Em outras palavras, como Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012) abordam em sua pesquisa, as conclusões identificadas pela equipe MOW (1987) e por Morin (2001) são coerentes com as identificadas nas pesquisas de Morse e Weiss (1955 *apud* GOULART, 2009), nas quais os autores defendem que limitar o trabalho a noção de “[...] um simples meio de ganhar a vida é um grande equívoco” (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012, p. 206).

Borges (1997; 1998 *apud* BORGES; TAMAYO, 2001) busca definir o significado do trabalho a partir de quatro elementos: o primeiro é a centralidade do trabalho - conceito sagrado no qual se compara trabalho em relação a outras áreas da vida do indivíduo; o segundo, os atributos valorativos - refere-se às características do trabalho e seu valor; o terceiro, os atributos descritivos - relacionado a realidade do trabalho para cada indivíduo; e o quarto é a hierarquia dos atributos - relacionado a ordem por importância dos atributos

valorativos e descritivos para cada pessoa.

No Brasil, foi Soares (1993 *apud* BASTOS; PINHO; COSTA, 1995) que adaptou os estudos da equipe MOW (1987) para o contexto brasileiro, no qual levantou “uma amostra de 915 sujeitos, trabalhadores de sete organizações públicas (administração direta e indireta) e privadas de Brasília” (BASTOS; PINHO; COSTA, 1995, p. 24), envolvendo apenas o trabalho remunerado em instituições formais, e utilizando uma nova estrutura conceitual a partir dos dados obtidos através do mesmo instrumento proposto pela equipe MOW (1987). Dessa forma, é notório que o modelo elaborado pela equipe MOW (1987) influenciou diversas pesquisas, sendo considerado um estudo clássico sobre o tema significado do trabalho, justificando mais uma vez sua utilização nesta pesquisa.

2.3.1 Modelo Teórico MOW (1987)

O modelo elaborado pela equipe *Meaning of Work International Research Team* (MOW, 1987) escolhido para orientar a pesquisa, é considerado um estudo clássico do tema central sobre o significado do trabalho, que apresentou e ainda apresenta grande importância para pesquisas, e que contempla três das seis dimensões levantadas por Bendassolli e Borges-Andrade (2015a *apud* GRANGEIRO; BASTOS, 2018), como esquematizado na figura a seguir:

Figura 1 – Grandes tópicos de pesquisa sobre significado do trabalho e principais estudos

Tópicos de pesquisa	Pesquisadores
1 Refere-se ao envolvimento com o trabalho e à centralidade do trabalho, buscando determinar a importância do trabalho, quando comparada a outras esferas da vida.	Dubin (1956); Gonzales e Vilela (2005); Harpaz e Fu (1997); Kanungo (1982); MOW (1987); Salanova, Garcia e Peiró (1996); Tomás (1998)
2 Inclui pesquisas que investigam o tipo de orientação (instrumental ou expressiva) que as pessoas têm frente a seu trabalho, se o encaram como emprego, carreira ou vocação.	Kaplan e Tausky (1974); MOW (1987); Wrzesniewski, McCauley, Rozin e Schwartz (1987)
Aborda pesquisas que buscam identificar os objetivos que os indivíduos procuram alcançar através do trabalho que realizam e em examinar as representações cognitivas ou os padrões de significado que estão associados com o trabalho, por exemplo, o trabalho como fonte de prazer, uma obrigação ou um direito.	Borges (1997); Buchholz (1977); Ros, Schwartz e Surkiss (1999); Super e Sverko (1995)
Abrange estudos sobre causas e consequências da ausência prolongada de trabalho, incluindo a análise de estratégias de enfrentamento.	Brief e Nord (1990); Feather (1990); Warr (1987)
3 Refere-se à compreensão de por que o trabalho possui tantos significados diferentes para pessoas diferentes. As pesquisas que se enquadram neste tópico buscam identificar padrões de significado e contextualizá-los.	Allend, Saez, Apodaka, Castañares e Ardanaz (2003); Dakduk, González e Montilla (2008); Drenth (1991); England e Harpaz (1990); Gómez (2004); Garcia, Martín, Rodríguez e Peiró (2001); Martínez, Soria, Cifre e Gumabu (2001); MOW (1987)
Inclui estudos sistemáticos sobre representações sociais do trabalho.	Borges (1996); Moliner, Rateau e Cohen-Scali (2002); Suárez, Torregrosa, Bergère e Alvaro (1998)

Fonte: Bendassolli; Borges-andrade (2015a) *apud* Grangeiro; Bastos (2018, p. 194).

As dimensões elaboradas pela equipe MOW (1987) foram a centralidade do trabalho, as normas sociais e os resultados e objetivos valorizados do trabalho. Até chegar na estrutura das três dimensões, o modelo, inicialmente, segundo Kubo e Gouvêa (2012, p. 545) separou as variáveis em “[...] cinco construtos, que relacionam os indivíduos ao fenômeno do trabalho: centralidade do trabalho, normas sociais acerca do trabalho, resultados valorizados do trabalho, objetivos do trabalho, papéis do trabalho (MOW, 1987)” (KUBO; GOUVÊA, 2012, p. 545), que após uma “análise fatorial exploratória”, definiu as dimensões em: “centralidade do trabalho, normas sociais orientadas para os direitos, normas sociais orientadas para os deveres, função econômica do trabalho, resultado intrínseco ou expressivo, contato interpessoal pelo trabalho” (KUBO; GOUVÊA, 2012, p. 545), que foram agrupadas para melhor entendimento em, centralidade do trabalho; normas sociais, que abordam as normas sociais orientadas aos direitos e as normas orientadas aos deveres; e objetivos e resultados valorizados que engloba a função econômica do trabalho com o “resultado intrínseco ou expressivo e contato interpessoal pelo trabalho” (KUBO; GOUVÊA, 2012, p. 545).

Essas dimensões apresentadas nesta seção contemplam e justificam teoricamente a

presente investigação, uma vez que o modelo elaborado pela equipe MOW (1987) permite a comparação de similaridades e diferenças de indivíduos e grupos distintos, segundo Grangeiro e Bastos (2018). Segundo Bendassolli e Borges-Andrade (2011), a equipe MOW (1987), verificou que o indivíduo tem sua concepção do significado de trabalho baseado em variáveis não somente pessoais em relação ao trabalho, mas também em condições sociais, políticas, econômicas, culturais e tecnológicas do momento histórico que se encontra, e em como essas condições vão influenciar o indivíduo, e como este receberá e se posicionará diante dessas condições que formam o seu contexto.

Na interpretação de Goulart (2009, p. 49), a equipe MOW (1987) partiu da hipótese de que “[...] o trabalho tem uma grande importância histórico-filosófica na vida das pessoas e que o seu significado exerce um impacto expressivo sobre a experiência de laboral”, e completa, afirmando que os dados da pesquisa do equipe MOW (1987) baseados em uma macropesquisa, teve como objetivo “entender a diversidade e os padrões de significados que os que os indivíduos e a coletividade atribuem ao trabalho em sociedades industriais.” de (GOULART, 2009, p. 49), buscando compreender os efeitos para os indivíduos, organizações e sociedades, comparando os resultados entre os países pesquisados, a fim de identificar suas diferenças e semelhanças.

Como Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012) descreve, a pesquisa realizada pela equipe MOW (1987) foi aplicada em oito países (Bélgica, Inglaterra, Alemanha, Israel, Japão, Holanda, Estados Unidos e ex-Iugoslávia) entre 1981 e 1983, com 14.700 profissionais, por meio de questionários (MORIN, 2001), a fim de investigar, através de variáveis, os significados que esses profissionais atribuíam ao trabalho. Segundo os autores Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012, p. 203), a equipe MOW (1987) utilizou o termo significado do trabalho representado pelo:

[...] significado individual, coletivo/grupal e social atribuído a ele; pela utilidade do trabalho para a organização; autorrealização e satisfação geradas pela realização do trabalho; pelo sentimento de desenvolvimento e evolução pessoal e profissional; e pela liberdade e autonomia existentes para a execução do trabalho.

O modelo elaborado pela equipe MOW (1987) tem seus estudos focados principalmente no individual, uma vez que busca identificar e entender a composição que o trabalho significa para o indivíduo (MOW, 1987); e que o modelo utilizado para orientar a pesquisa é heurístico por natureza, isto é, investiga que o significado do trabalho para o indivíduo é baseado e determinado por suas escolhas e experiências no contexto e nas organizações que vivem e trabalham (KUBO; GOUVÊA, 2012). Inicialmente, tinha como

objetivo verificar variáveis aplicadas entre culturas e nações, experimentalmente. Depois passou a verificar a ocorrência de um fenômeno em diferentes ambientes; e por fim, como as diferentes culturas solucionam “fenômenos comportamentais relacionados ao trabalho” (KUBO; GOUVÊA, 2012, p. 545).

Para analisar o significado do trabalho, a equipe MOW (1987) dividiu e agrupou as variáveis em três dimensões principais, centralidade do trabalho, as normas sociais do trabalho e os resultados e objetivos valorizados do trabalho, como já citado anteriormente e esquematizado na Figura 2, a seguir, elaborada a partir das descrições de Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012, p. 203 e 204):

Figura 2 – Conceitos do significado do trabalho do modelo elaborado pela equipe MOW (1987)



Fonte: Elaborada pela autora, adaptado de Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012, p. 203 e 204).

A equipe MOW (1987) identificou diferentes padrões de trabalho, denominados de padrão A a F estudados por England e Whiteley (1990 *apud* MORIN, 2001), que fizeram parte da equipe MOW (1987), nos quais do padrão A a C tem-se uma percepção positiva do trabalho, de D a E uma percepção negativa do trabalho, e na F uma posição neutra.

No padrão A, qualquer coisa pode ter valor, ser realizada e ser trocada por dinheiro por seu valor; no padrão B, existe um vínculo da realização do trabalho, e se recebe dinheiro em prol de uma contribuição coletiva/social; no padrão C, além do conceito trazido pelo padrão

B, outras pessoas são beneficiadas com a atividade que o indivíduo exerce; no padrão D, o indivíduo recebe dinheiro para realizar o trabalho, tem suas atividades definidas, recebe ordens, e não é considerado um contexto agradável; no padrão E, tem como base o conceito D, estendendo-se para um trabalho também exigente mentalmente e fisicamente, continuando não agradável; e no padrão F, o último investigado pela equipe MOW (1987), o indivíduo tem uma percepção neutra do trabalho, uma vez que recebe dinheiro para realizá-lo, e entende que as atividades fazem parte do trabalho e que estas devem ser realizadas em um horário determinado (MOW, 1987).

Dessa forma, verificou-se que a percepção do trabalho pode variar de neutro para uma centralidade que perpassa desde do seu ser individual/pessoal ao social (MOW, 1987), no qual, 55,8% dos participantes, pelos resultados, a maioria dos países analisados, como Japão, Bélgica, Inglaterra, Israel, Holanda e ex-Iugoslávia tiveram uma percepção positiva do trabalho, sendo maior entre os japoneses; 11,8% dos participantes, entre alemães e americanos, tiveram uma percepção neutra do trabalho; e 32,4% uma percepção negativa do trabalho (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012).

Para melhor visualização, Morin (2001) esquematizou os padrões em uma figura com as porcentagens encontradas na pesquisa do MOW (1987), presente a seguir:

Figura 3 – Padrões de definição do trabalho determinados por England e Whiteley (1990)

Padrão A 10,6%	Padrão B 27,6%	Padrão C 17,6%	
<ul style="list-style-type: none"> • Acrescenta valor a qualquer coisa • Você deve prestar conta disto • Faz parte de suas tarefas • Você recebe dinheiro para fazer isto 	<ul style="list-style-type: none"> • Realizando isto, você tem o sentimento de vinculação • Você recebe dinheiro para realizar isto • Você faz para contribuir à sociedade • Faz parte de suas tarefas 	<ul style="list-style-type: none"> • Outros se beneficiam disto • Você recebe dinheiro para realizar isto • Você faz para contribuir à sociedade • Acrescenta valor a qualquer coisa • É fisicamente exigente 	
	<th>Padrão D 21,7%</th> <th>Padrão E 10,6%</th>	Padrão D 21,7%	Padrão E 10,6%
	<ul style="list-style-type: none"> • Você recebe dinheiro para realizar isto • Faz parte de suas tarefas • Você realiza em um local de trabalho • Você deve fazer isto • Alguém lhe diz o que fazer • Não é agradável 	<ul style="list-style-type: none"> • É mentalmente exigente • É fisicamente exigente • Você recebe dinheiro para fazer isto • Faz parte de suas tarefas • Isto não está agradando 	
		<th>Padrão F 11,8%</th>	Padrão F 11,8%
		<ul style="list-style-type: none"> • Você realiza seguindo um horário • Você realiza em um local de trabalho • Você recebe dinheiro para fazer isto • Faz parte de suas tarefas 	

Fonte: Morin (2001, p. 12).

Em relação a primeira dimensão, a centralidade do trabalho, a pesquisa verificou que no geral o trabalho ficaria em segundo lugar na vida do indivíduo, perdendo para a família, e ficaria na frente do lazer (MOW 1987), com exceção do Japão, onde o trabalho fica no topo da vida do indivíduo, superando inclusive a esfera familiar. Na Bélgica, Holanda e Alemanha, notou-se uma maior valorização do lazer e menor valorização da religião e comunidade. Já nos Estados Unidos e na Inglaterra, o menor peso foi atribuído à esfera do trabalho em relação aos outros países, no qual associa-se uma maior valorização da religião e do lazer (MOW 1987).

Esse comparativo analisado está relacionado ao conceito relativo da centralidade do trabalho, que trata de identificar o grau de importância do trabalho em relação às demais esferas da vida a partir da comparação (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012). Além disso, calculou-se o escore global de centralidade do trabalho, que envolveu um cálculo

estatístico onde se atribuiu um peso a áreas da vida, chamadas de esferas da vida, no qual o respondente deveria dizer em um item específico o quanto o trabalho era central em sua existência, por meio da marcação de um escore entre 2 a 10 pontos, em que 2 é baixa centralidade (quando o trabalho não é central) e 10 é alta centralidade (quando o trabalho está no centro da vida da pessoa). Essa importância maior ou menor observada por esse escore, está relacionada ao conceito absoluto da centralidade do trabalho, que avalia o quanto o trabalho é importante em termos globais (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012).

A partir disso, verificou-se que os japoneses, israelenses ou norte-americanos, por exemplo, têm maior escore médio de trabalho, estando de acordo com os resultados obtidos nas comparações em relação às outras esferas da vida, no qual a esfera do trabalho obteve um peso maior, conforme resultados apresentados na tabela a seguir, que esclarece que a ausência dos dados da antiga Iugoslávia, é decorrente da exclusão destes da pesquisa original frente às mudanças geopolíticas ocorridas após a realização do estudo da equipe MOW (1987):

Tabela 1 – Resultados da Centralidade do Trabalho na pesquisa da equipe MOW (1987)

<u>Esferas da vida</u>	Japão	Israel	USA	Alemanha	Inglaterra	Holanda	Bélgica
Lazer	19.7	18.2	18.1	22.7	22.3	24.2	24.6
Comunidade	5.3	4.5	9.9	7.3	7.8	7.5	6.0
Trabalho	36.1	28.3	24.5	28.0	21.5	29.8	29.9
Religião	3.7	4.9	14.0	5.2	8.6	4.9	4.9
Família	35.1	43.9	33.6	35.7	40.1	33.7	34.7
<u>Escore</u> <u>Globais</u>	7.8	7.1	6.9	6.7	6.3	6.7	6.8

Fonte: Elaborada pela autora, adaptado de Bastos; Pinho; Costa (1995).

A equipe MOW (1987) também utilizou escores para medir o quanto um indivíduo tendia para a norma do direito ou do dever em relação ao trabalho, ou seja, verificou-se que a perspectiva do indivíduo em relação ao trabalho estava mais relacionada aos direitos ou aos deveres do indivíduo, contexto relacionado à segunda dimensão do trabalho. Observou-se uma adesão maior à norma do direito do que à norma do dever nos países Holanda e Bélgica, que pode ser justificado por serem países com níveis mais elevados de escolaridade. Já nos EUA verificou-se uma maior adesão ao dever do que ao direito (BASTOS; PINHO; COSTA, 1995). Essa maior adesão ao dever pode estar associada a uma visão “ética protestante do

trabalho” (BASTOS; PINHO; COSTA, 1995, p. 28), onde, apesar de terem existido mudanças nos princípios dos valores do trabalho ao longo do tempo, tal visão protestante presente na sociedade ainda influencia na percepção do trabalho como dever, como observou-se nos EUA, que é um país com forte influência de ideologias protestantes. No geral, verificou-se que há maior adesão ao dever do que ao direito entre os homens do que entre as mulheres, e a maior adesão das mulheres ao direito foi identificada nos países Bélgica, Holanda e Estados Unidos (BASTOS; PINHO; COSTA, 1995).

A terceira dimensão do trabalho, refere-se a “[...] um conceito associado às noções de satisfação e motivação” (SOARES, 1992, *apud* BASTOS; PINHO; COSTA, 1995, p. 23), sendo a dimensão do significado do trabalho a mais estudada. Essa dimensão analisa aspectos expressivos e econômicos para identificar as motivações pelas quais o indivíduo trabalha, onde, baseado no modelo elaborado da equipe MOW (1987), Grangeiro e Bastos (2018), essas motivações referem-se aos seguintes aspectos:

- 1) ao status ou prestígio social adquirido a partir da atividade realizada; 2) à função econômica do trabalho; 3) manter-se ocupado, em atividade; 4) estabelecer contatos sociais; 5) sentir-se realizando algo de útil para a sociedade; e 6) sentir-se auto realizado com as tarefas e/ou papel que realiza. (GRANGEIRO; BASTOS, 2018, p. 195).

Dessa forma, nas pesquisas da equipe MOW (1987), segundo Bastos, Pinho e Costa (1995), observou-se que no geral não há um equilíbrio entre as motivações levantadas pelos indivíduos, com exceção da Holanda, que teve um resultado equilibrado entre os aspectos, com maior peso atribuído ao “5) sentir-se realizando algo de útil para a sociedade” (GRANGEIRO; BASTOS, 2018, p. 195), e menor peso atribuído em relação “1) ao status ou prestígio social adquirido a partir da atividade realizada” (GRANGEIRO; BASTOS, 2018, p. 195); o que difere-se do Japão e Alemanha, onde teve maior peso o aspecto “2) à função econômica do trabalho” (GRANGEIRO; BASTOS, 2018, p. 195), sendo essa característica valorizada em todos os países.

Reitera-se que este estudo, de natureza qualitativa, utilizou-se dos conceitos teóricos das três dimensões propostos pelo modelo elaborado pela equipe MOW (1987), não fazendo o uso portanto da escala e questionário, conciliando, assim, os dados coletados com as três dimensões do modelo elaborado pela equipe MOW (1987) de forma teórica, para identificar o significado do trabalho de indivíduos e dos dois grupos aqui pesquisados. É possível visualizar de forma simplificada as dimensões abordadas nos estudos da equipe MOW (1987) a partir da figura a seguir:

Figura 4 – Dimensões do significado do trabalho segundo equipe MOW (1987)

Dimensões	Conceitos
Centralidade do trabalho	O grau de importância atribuída ao trabalho frente às demais esferas da vida (família, religião, lazer e comunidade).
Normas sociais	Referem-se às características do trabalho que exprimem o balanço das obrigações individuais para a sociedade e vice-versa.
Resultados e objetivos valorados	São as metas que os indivíduos esperam alcançar por intermédio do seu trabalho e na valorização atribuída aos resultados esperados.

Fonte: Borges; Yamamoto (2010) *apud* Grangeiro; Bastos (2018).

2.3.1.1 Centralidade do trabalho

A centralidade do trabalho, a primeira dimensão levantada pela equipe MOW (1987), refere-se à posição que o trabalho ocupa na vida do indivíduo, ou seja, o seu grau de importância. Para Borges e Yamamoto (2004), o conceito de centralidade de trabalho é um conceito sagrado, pois é uma dimensão comum aos modelos estudados, uma vez que a identificação do significado do trabalho trata, antes de tudo, da atribuição do próprio indivíduo ao seu trabalho. Para Bendassolli, Alves e Torres, 2014, as pesquisas da equipe MOW (1987) procede da ideia de que as “experiências de vida das pessoas são distribuídas em subesferas, e que há diferenças entre as preferências particulares das pessoas com relação a cada uma delas.” (BENDASSOLLI; ALVES; TORRES, 2014, p. 179, grifo do autor), no qual o trabalho, por exemplo, pode ou não ocupar uma posição central, e ser ou não a espera mais importante na vida do indivíduo em comparação as demais esferas de sua vida.

Segundo Tolfo e Piccinini (2007), a centralidade do trabalho pode ter dois componentes: um absoluto, que se constitui da percepção que o indivíduo tem da importância do trabalho para ele; e um relativo, que se refere ao posicionamento de importância do trabalho comparado a outras áreas da sua vida. Esses dois componentes, do modelo elaborado pela equipe MOW (1987), segundo Borges e Yamamoto (2001), observa as “esferas da vida” para verificar a importância do trabalho nessa primeira dimensão, sendo que no componente absoluto, se requisita que o indivíduo apresente a importância do trabalho em si; e no componente relativo, identifica qual a posição do trabalho em relação às outras esferas da vida, “família, trabalho, lazer, religião e comunidade” (BORGES; TAMAYO, 2001, p. 16). Esses dois componentes são complementares entre si para identificar a centralidade do trabalho na vida do indivíduo. As esferas da vida, conforme mostra a figura a seguir, foram abordadas de forma qualitativa nesta pesquisa.

Figura 5 – Esferas da Vida baseadas nos estudos do modelo elaborado pela equipe MOW (1987)



Fonte: Elaborada pela autora, adaptado de Borges; Tamayo (2001).

Segundo tradução de Bastos, Pinho, Costa (1995, p. 23, grifo do autor), a centralidade do trabalho abordada pela equipe MOW (1987) é “*uma crença geral acerca do valor do trabalho na vida do indivíduo*”, formada por dois componentes teóricos:

- a) valorativo, o trabalho como o papel desempenhado na vida: que é o aspecto absoluto da centralidade do trabalho, levantado por Borges e Yamamoto (2004), Tolfo e Piccinini (2007), Bendassolli, Alves e Torres (2014) e Andrade, Tolfo e Dellagnelo, (2012) que é por definição a “[...] importância dada ao trabalho em termos globais e absolutos [sendo, por exemplo,] [...] a atividade mais importante na vida do indivíduo ou [...] a menos importante” (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012, p. 203);
- b) orientação para a decisão sobre as esferas de vida preferidas: que é o aspecto relativo da centralidade do trabalho levantado também por Borges e Yamamoto (2004), Tolfo e Piccinini (2007), Bendassolli, Alves e Torres (2014) e Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012) que por definição é a “[...] importância concedida ao trabalho em comparação à importância dada a outras esferas relevantes da vida” (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012, p. 203 e 204), “[...] uma hierarquização das esferas da vida” (ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012, p. 204).

Em outras palavras, segundo Bastos, Pinho e Costa (1995, p. 23, grifo do autor), “Enquanto o primeiro toma o próprio *self* como referência para avaliar a importância do trabalho, o segundo toma as demais esferas ou papéis desempenhados pelo indivíduo”; e para

os autores, baseados na pesquisa elaborada pela equipe MOW (1987), o componente valorativo (absoluto) apresenta duas propriedades que são complementares e interligados (mutuamente reforçadoras): a identificação, que é “resultante de processos cognitivos que envolvem a comparação do trabalho como atividade com a percepção do *self*, podendo o trabalho ser central ou periférico na definição da sua auto-imagem” (BASTOS; PINHO; COSTA, 1995, p. 23, grifo do autor), ou seja, é uma comparação do trabalho como atividade e em relação a si, é o princípio de autoimagem do trabalho (ANDRADE, TOLFO e DELLAGNELO, 2012); e o envolvimento ou comprometimento que “implica respostas comportamentais e afetivas ao trabalho, indicando o grau em que o trabalho é considerado, pelo indivíduo, como parte de sua própria vida.” (BASTOS; PINHO; COSTA, 1995, p. 23, grifo do autor), ou seja, são as atribuições comportamentais e afetivas associadas ao trabalho, que indica o quando ele faz parte da própria vida do indivíduo (ANDRADE, TOLFO e DELLAGNELO, 2012).

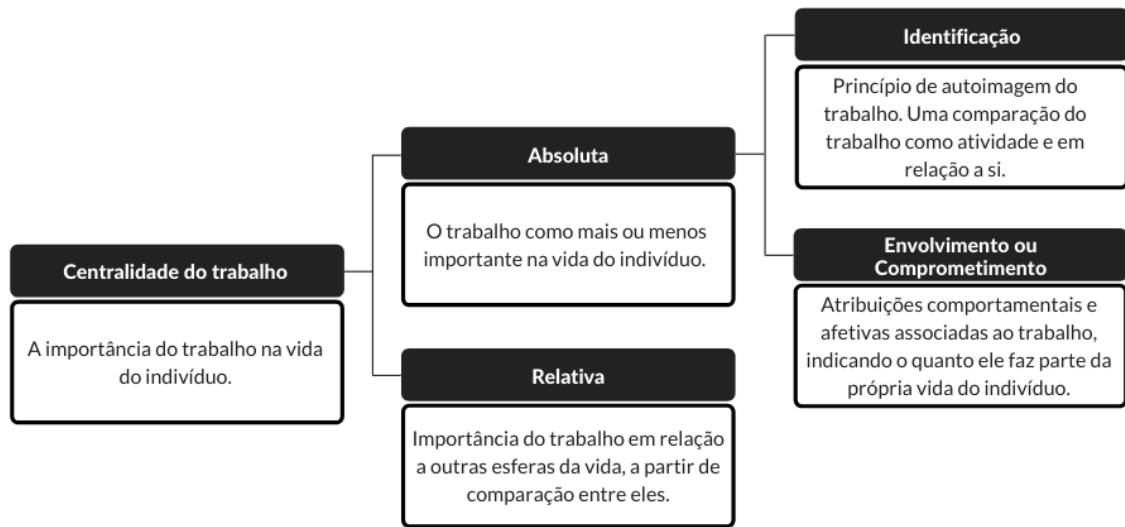
Bendassolli, Alves e Torres (2014, p. 3), apresentam essa dimensão, segundo suas interpretações da pesquisa elaborada pela equipe MOW (1987), atribuindo-a às definições de:

1. “crença/valor”, que é a “identificação do indivíduo com o trabalho, resultado de um processo de consistência cognitiva baseado na comparação entre o trabalho como uma atividade e as percepções de si.” (BENDASSOLLI; ALVES; TORRES, 2014, p. 179);
2. “valorativo/afetivo”, que se configura no envolvimento do indivíduo com o trabalho, “sendo uma resposta afetiva ao trabalho como parte da vida da pessoa, podendo também incluir elementos comportamentais, como, por exemplo, o tempo despendido em atividades de trabalho (MOW, 1987)” (BENDASSOLLI; ALVES; TORRES, 2014, p. 179).

Assim sendo, cada indivíduo terá diferentes percepções em relação ao trabalho, uma vez que cada um tem suas prioridades pessoais, das quais o trabalho pode ou não ser a esfera central de sua vida em relação às outras esferas. Esses dois componentes são as duas propriedades da centralidade do trabalho (BASTOS; PINHO; COSTA, 1995).

Para o presente estudo foi estruturada a seguinte figura, a partir dos conceitos levantados, para nortear a análise das entrevistas realizadas para esta pesquisa:

Figura 6 – Conceitos 1ª Dimensão Teórica elaborado pela equipe MOW (1987)



Fonte: Elaborada pela autora, adaptado de Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012, p. 203 e 204).

2.3.1.2 Normas Sociais do trabalho

As Normas Sociais do trabalho do modelo elaborado pela equipe MOW (1987), como aborda Bendassolli e Borges-Andrade (2011), é formada pela orientação normativa do trabalho como direito e a orientação normativa do trabalho como obrigação, isto é, são os direitos e deveres do indivíduo em relação ao trabalho. Os direitos estão relacionados às ações que a sociedade disponibiliza para o trabalho do indivíduo, assim como o espaço de decisão que ela permite a esse indivíduo diante de seu trabalho; e os deveres estão relacionados às obrigações que o indivíduo tem na sociedade e para com ela.

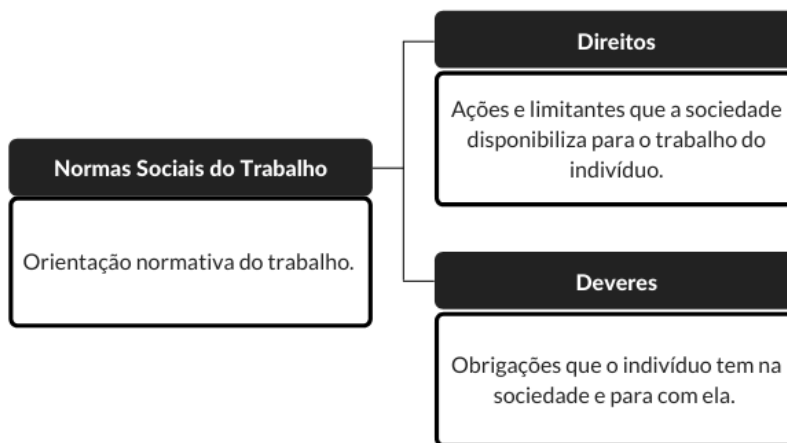
Bastos, Pinho e Costa (1995, p. 24) afirmam que essas normas sociais “consistem numa expressão geral do que seriam trocas equitativas entre o que o indivíduo recebe da situação de trabalho e as contribuições que ele traz para o processo de trabalho”, sendo assim, uma troca mútua entre o indivíduo e seu trabalho e o contexto do trabalho. Além disso, essas normas são importantes para padronizar os grupos sociais em relação aos seus trabalhos, além de nortear os indivíduos quanto às suas garantias e gratificações. Tolfo e Piccinini (2007, p. 39) completam que estas normas “[...] não são estáveis e dependem das circunstâncias ao redor, sofrem influências de variáveis sócio-demográficas e pessoais”. Nas pesquisas da equipe MOW (1987), essa dimensão foi observada em conjuntos opostos, nomeados de deveres e direitos, nos quais os deveres compõem “os padrões sociais sobre o trabalho considerados corretos pelos indivíduos na sua relação com a sociedade” (TOLFO;

PICCININI, 2007, p. 39, grifo do autor) e os direitos compõem “às obrigações da sociedade para com o indivíduo” (TOLFO; PICCININI, 2007, p. 39, grifo do autor). Ou seja, enquanto nos deveres o indivíduo deve colaborar para a sociedade através do seu trabalho, por exemplo, nos direitos, esse indivíduo tem direito a um trabalho em condições dignas e igualitárias.

Segundo Kubo, Gouvêa e Mantovani (2013), baseado nas pesquisas do MOW (1987), mudanças como os avanços tecnológicos, novas estruturas organizacionais, participação da mulher no mercado e aumento do nível educacional, influenciaram e continuam influenciando essas normas ao longo dos anos, impactando nos tipos e qualidade do trabalho.

A figura a seguir foi realizada a partir dos conceitos levantados, visando nortear a análise das entrevistas realizadas nesta pesquisa:

Figura 7 – Conceitos da 2ª Dimensão Teórica do modelo elaborado da equipe MOW (1987)



Fonte: Elaborada pela autora, adaptado de Bastos; Pinho; Costa (1995, p. 24).

2.3.1.3 Resultados e objetivos valorizados do trabalho

Resultados e objetivos valorizados do trabalho referem-se às motivações que o indivíduo possui em relação ao seu trabalho, o porquê o indivíduo trabalha. Como abordado, analisa-se os aspectos expressivos e econômicos para identificar as motivações pelas quais o indivíduo trabalha. São seis, os aspectos verificados, segundo a equipe do MOW (1987) e descritos por Bastos, Pinho e Costa (1995, p. 23, grifo do autor):

- a. o trabalho que permite a obtenção de *status* e prestígio;
- b. a função econômica, obtenção dos rendimentos necessários;
- c. a função de manter o indivíduo ocupado, em atividade;
- d. a função de contato social, de permitir estabelecer relações interpessoais;
- e. a função de se sentir fazendo algo útil à sociedade;
- e f. a função auto-expressiva ou intrínseca, quando se valoriza o trabalho interessante e que permite a auto-realização.

Assim, o trabalho pode ter na vida do indivíduo um objetivo relacionado:

- a uma posição de destaque em seu trabalho (status social);
- ao financeiro (função econômica);
- ao se manter ocupado realizando uma atividade (ocupação);
- às relações sociais (contato social);
- a servir a sociedade (útil para sociedade);
- a auto valorização do trabalho e auto realização (interessante e auto realização).

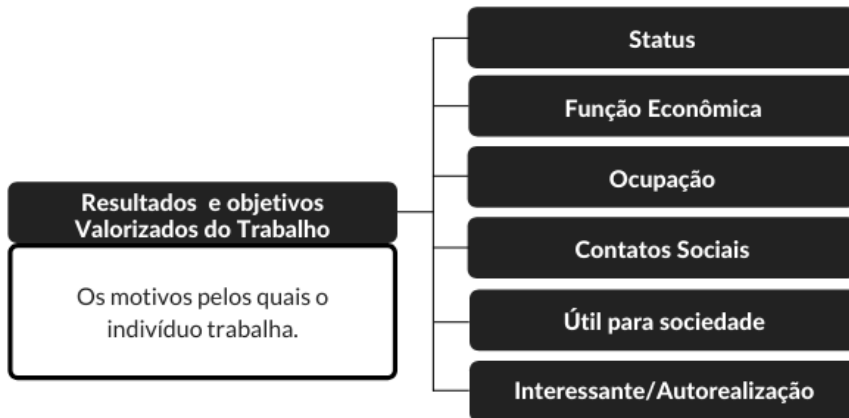
Os aspectos expressivos e econômicos podem ser associados, respectivamente, a função expressiva e a função utilitária levantada por Morin (1996 *apud* ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012), nas quais aborda essas funções em um contexto formal de organização, levantando a importância das funções expressivas do trabalho para os indivíduos e que estas devem ser revalorizadas através de recompensas justas no trabalho, afirmando que “[...] Se o corpo precisa de alimento para viver com saúde, o espírito humano também precisa de seu alimento. O ser humano precisa expressar sua criatividade e transcender-se para se valorizar.” (MORIN, 1996, p. 281, *apud* ANDRADE; TOLFO; DELLAGNELO, 2012, p. 204).

Para Grangeiro e Bastos (2018, p. 195), “esta dimensão ressalta o caráter motivacional do significado do trabalho, que se concretiza através das metas que o indivíduo estabelece e busca alcançar através do seu trabalho e da valorização atribuída aos resultados”. Esse fator, chamado de motivação, é abordado na administração na Escola Comportamental, na qual, segundo Maximiano (2007), refere-se a uma relação dinâmica de motivos internos (estímulos pessoais) e externos (estímulos ambientais) do indivíduo ou grupo, ou seja, com o estudo levantado por esse fator, as pessoas passaram a ser indivíduos e membros de grupos ao invés de somente “peças humanas”, como era estudado nas teorias clássicas da administração.

Bastos, Pinho e Costa (1995) apresentaram essa dimensão da equipe MOW (1987) como resultados e produtos valorizados, e relacionaram-na “[...] com as finalidades que as atividades de trabalho possuem para o indivíduo, respondendo à indagação acerca do porquê o indivíduo trabalha” (p. 23). Tratam ainda que “as informações sobre produtos valorizados permitem entender o que torna os indivíduos mais ou menos satisfeitos com suas ocupações ou o que torna uma situação de trabalho mais atrativa do que outra” (p. 23).

A partir dos conceitos levantados, foi feita a seguinte figura com o objetivo de nortear a análise das entrevistas realizadas para a presente pesquisa:

Figura 8 – Conceitos 3ª Dimensão Teórica do modelo elaborado da equipe MOW (1987)



Fonte: Elaborada pela autora, adaptado de Bastos; Pinho; Costa (1995, p. 24) e Grangeiro; Bastos (2018, p. 203).

Na seção seguinte, aborda-se o método utilizado para a presente pesquisa.

3 MÉTODO

A presente pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, que de acordo com Creswell (2010, p. 211) “[...] é uma pesquisa interpretativa, com o investigador tipicamente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes”, caracterizando, assim, a abordagem da interpretação dos dados pelo pesquisador deste estudo, baseando-a na fundamentação teórica e também na sua experiência junto aos artesãos indígenas entrevistados, em uma reciprocidade cultural vivenciada em ambos os grupos.

Reitera-se que, apesar do modelo elaborado pela equipe MOW (1987) ter sido desenvolvido para um estudo quantitativo a partir de dados estatísticos, e com conceitos divididos em três dimensões, sendo estas a centralidade do trabalho, as normas sociais e os resultados e objetivos valorizados; o presente estudo, de natureza qualitativa, utilizou-se apenas dos conceitos teóricos dessas três dimensões propostos pelo modelo MOW (1987), não fazendo o uso da escala e questionário, buscando identificar o significado do trabalho de indivíduos e dos dois grupos levantados a partir da relação dos dados coletados com as três dimensões de forma teórica.

De caráter descritivo, a pesquisa tem como objetivo expor características de um público específico ou de objeto(s) estudado(s), onde, na presente pesquisa, esse caráter se justifica ao expor as características dos artesãos indígenas do estado do Ceará (Brasil) e do estado de Nuevo León (México), descrevendo-as, relacionando-as e aprofundando-as, a partir dos conceitos teóricos do modelo elaborado da equipe MOW (1987), à medida que são feitas as interpretações. Não tem como foco explicar o objeto do estudo, apesar de ser a base para este, no entanto, pode relacionar as amostras levantadas e identificar a sua natureza (VERGARA, 2014).

Essa amostra é uma parte "convenientemente selecionada do universo (população)" (MARCONI; LAKATOS, 2011, p. 147), que representará o todo da população. O tipo de amostra escolhida foi não probabilístico, por acessibilidade, que é caracterizada por uma busca do pesquisador por selecionar elementos que representam o público-alvo na pesquisa, de mais fácil acesso (VERGARA, 2014), uma vez que o pesquisador tinha contato previamente com projetos focados em grupos indígenas.

No presente estudo, a amostra escolhida representa indígenas adultos que trabalham com artesanato. Dentre eles, 6 são homens e 5 são mulheres indígenas, divididos em dois grupos, de acordo com o país que residem:

- Grupo 1: fará referência ao grupo entrevistado no Estado do Ceará, no Brasil, denominado na pesquisa como CE;
- Grupo 2: fará referência ao grupo entrevistado no Estado de Nuevo León, no México, denominado como NL.

Cada um dos entrevistados foi citado a partir de uma sigla utilizada para esta pesquisa, uma vez que não foi aplicada declaração de autorização de nome e imagem. Dessa forma, cada um dos entrevistados seguiu a seguinte nomenclatura em relação aos grupos que pertencem, de acordo com a ordem das entrevistas: CE1, CE2, CE3, CE4, CE5, CE6, e NL1, NL2, NL3, NL4, NL5, sendo apresentados em relação ao gênero pela letra “m”, quando for mulher, e “h”, quando for homem. Dessa forma, ficaram assim representados: CE1m, CE2h, CE3h, CE4m, CE5m, CE6h, e NL1m, NL2h, NL3h, NL4m, NL5h.

Para melhor visualização, foi elaborado o quadro a seguir que apresenta a estrutura da identificação dos entrevistados:

Quadro 1 – Relação da nomenclatura utilizada para identificação dos entrevistados

GRUPO	NOMENCLATURA	Nº ENTREVISTADOS	NOMENCLATURA	GÊNERO mulher = m homem = h
Estado do Ceará	CE	6	CE1, CE2, CE3, CE4, CE5, CE6	CE1m, CE2h, CE3h, CE4m, CE5m, CE6h
Estado de Nuevo León	NL	5	NL1, NL2, NL3, NL4, NL5	NL1m, NL2h, NL3h, NL4m, NL5h

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação aos meios, o presente estudo é caracterizado como um estudo de caso, que buscou aprofundar e detalhar o caso estudado, podendo ser ou não ser realizado em campo e utilizando de diferentes métodos de coleta de dados (VERGARA, 2014). Em relação ao presente estudo, o pesquisador foi em campo, como detalhado mais adiante neste capítulo.

Especificando, o presente estudo de caso é múltiplo, uma vez que buscou utilizar mais de uma realidade para comparar dados e informações (artesãos indígenas do estado do Ceará, no Brasil, e do estado de Nuevo León, no México), tendo como objetivo o de explicar e fundamentar as características presentes no foco estudado pela pesquisa (MUCCHIELLI, 1996 *apud* OLIVEIRA, 2011).

O estudo contou com levantamento bibliográfico, que, segundo Vergara (2014, p. 43) é

construído baseando-se “[...] em material publicado em livro, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”. Podendo a pesquisa bibliográfica ser a própria pesquisa, ou servir para conduzir uma análise, como é o caso da presente pesquisa que levantou artigos, livros e documentações para nortear a análise dos dados (VERGARA, 2014).

O presente trabalho foi feito em campo, no Estado de Nuevo León, no México, tendo como apoio físico central a região de Monterrey; e no Estado do Ceará, tendo como apoio físico central a região de Fortaleza e Maracanaú, no Brasil. Segundo Vergara (2014, p. 43), uma pesquisa de campo é uma “[...] investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não”.

Para coleta de dados, a técnica utilizada foram as entrevistas de campo, que, de forma geral, são o ato de perguntar a alguém oralmente sobre alguma coisa que se quer saber. Todas as entrevistas realizadas para esta pesquisa foram presenciais e oralizadas, no qual o pesquisador esteve em contato no mesmo ambiente (em campo) juntamente com o entrevistado, ou seja, diretamente com o objeto de estudo, que, como afirma Vergara (2014), para maior qualidade da pesquisa, o ideal é que a entrevista se faça de forma presencial, uma vez que pela mídia virtual pode-se perder alguma interação importante.

As entrevistas foram realizadas em uma estrutura semi aberta, ou semi estruturada, ou por pautas, que para Vergara (2014, p. 52) “tem maior profundidade”, uma vez que o pesquisador entrevista baseado em itens ou perguntas pré estabelecidas, mas não limitadas em si, com a finalidade de nortear a entrevista, não perdendo o foco do que se realmente quer coletar, mas sem limitar as possibilidades de novas informações individuais de cada entrevistado, podendo ainda adaptá-las ou acrescentar novas informações durante a pesquisa.

Todas as entrevistas realizadas foram gravadas via gravador de voz de celular Android, visto que a entrevista pode ser gravada uma vez que o entrevistado dê a sua permissão (VERGARA, 2014).

Ao todo foram 11 entrevistas, das quais 6 foram realizadas com artesãos indígenas no Estado do Ceará em julho de 2019, e 5 foram realizadas com artesãos indígenas no Estado de Nuevo León, em julho de 2018. Os áudios das entrevistas tem em média 30 minutos de duração para cada um dos 11 entrevistados e o conteúdo delas se norteia em 10 perguntas, que podem ser verificadas no Quadro 2, a seguir, e no Apêndice A desta pesquisa, que são divididas em três grandes tópicos, baseado nos conceitos teóricos das três dimensões do modelo elaborado da equipe MOW (1987) - centralização do trabalho, normas sociais,

resultados e objetivos realizados -, a fim de coletar informações para analisar o significado que os artesãos indígenas do Estado do Ceará (Brasil) e do Estado de Nuevo Leon (México) atribuem ao trabalho artesanal que realizam.

Quadro 2 – Relação das Dimensões do modelo elaborado da equipe MOW (1987) com o Roteiro das Entrevistas

DIMENSÕES MOW (1987)	ROTEIRO DA ENTREVISTA
<p style="text-align: center;"><u>CENTRALIZAÇÃO DO TRABALHO</u> (<i>Envolvimento indivíduo-trabalho</i>)</p>	<p>1. História pessoal (Apresentação geral do artesão) 2. História do artesão, o início (Como aprendeu a realizar o trabalho?) 3. As atividades atuais (Como e Quanto tempo trabalha/vive da sua arte?) 4. Inspiração, visão pessoal do trabalho (Qual sua inspiração para realizar o seu trabalho?) 5. O que é trabalho para você?</p>
<p style="text-align: center;"><u>NORMAS SOCIAIS</u> (<i>Direitos e Deveres</i>)</p>	<p>6. Como as pessoas ao seu redor percebem o seu trabalho? 7. Como você precifica o seu produto? 8. O que você acha que poderia facilitar o seu trabalho, internamente e externamente?</p>
<p style="text-align: center;"><u>RESULTADOS E OBJETIVOS VALORIZADOS</u> (<i>Motivação/Benefícios</i>)</p>	<p>9. Qual o impacto que seu trabalho tem para sua vida e para a sociedade? 10. Quais as suas expectativas para o futuro em relação ao seu trabalho?</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Para a análise e interpretação dos dados, baseando-se nos conceitos teóricos elaborados pela equipe MOW (1987), primeiro foi levantado qual a centralidade do trabalho em sua vida para os entrevistados, a fim de caracterizar a centralidade do trabalho para os artesãos da região do Ceará, no Brasil e de Nuevo León, no México (primeiro objetivo específico) - associado a primeira dimensão do modelo elaborado pela equipe MOW (1987); segundo, foram relacionadas as respostas dos entrevistados entre si, a fim de examinar possíveis diferenças e semelhanças dos dois grupos em relação às normas sociais (segundo objetivo específico) - associado à segunda dimensão do modelo elaborado pela equipe MOW (1987); terceiro, foi descrito e analisado as respostas dos entrevistados a fim de identificar quais as motivações dos artesãos indígenas da região do Ceará, no Brasil e de Nuevo León, no México (terceiro objetivo específico) - associado a terceira dimensão do modelo elaborado pela equipe MOW (1987).

Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 151 e 152), a análise e interpretação são

atividades distintas, mas interrelacionadas, na qual a análise está relacionada às explicações do objeto estudado, e a interpretação está relacionada aos significados dessas explicações: “Em geral, a interpretação significa a exposição do verdadeiro significado do material apresentado, em relação aos objetivos propostos e ao tema” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 152). Assim, com essas explicações e relações feitas, analisou-se o significado que os artesãos indígenas, do Estado do Ceará - Brasil e do Estado de Nuevo Leon - México, atribuem ao trabalho artesanal que realizam, alcançando assim, o objetivo geral desta pesquisa.

4 RESULTADOS

Nessa seção foram expostos os resultados obtidos pela análise dos dados baseados nos conceitos teóricos do modelo elaborado da equipe MOW (1987).

4.1 Apresentação

A análise foi estruturada associando o roteiro às três dimensões do modelo elaborado da equipe MOW (1987) para melhor visualização durante o processo de análise, como apresentado anteriormente, no Quadro 5. Mesmo com essa divisão, é importante salientar que as respostas resultantes das entrevistas perpassam entre os conceitos de uma mesma dimensão ou entre as três dimensões. Isso ocorre, principalmente, na primeira e na terceira dimensão (Centralidade do trabalho e Resultados e objetivos valorizados), e entre elas. Na segunda dimensão (Normas Sociais do trabalho), observa-se que as respostas são mais delimitadas pela oposição dos conceitos das normas dos direitos e dos deveres.

Ao observar as dimensões do modelo elaborado pela equipe MOW (1987) percebeu-se que é possível fazer uma metáfora com o corpo humano. Buscando compreender melhor o conceito do significado do trabalho, a presente pesquisa propôs essa metáfora com os hemisférios do corpo humano, sabendo-se que o corpo humano tem um hemisfério racional, localizado no seu lado esquerdo, e um hemisfério emocional, localizado no seu lado direito, analisou-se uma associação da estrutura geral do corpo humano em relação aos conceitos do significado do trabalho, como apresenta a Figura 9.

Figura 9 – O Corpo do Significado do Trabalho



Fonte: Elaborada pela autora.

Os elementos das dimensões do significado do trabalho levantadas durante a presente pesquisa, foram distribuídos de tal maneira, formando uma imagem que se assemelha ao corpo humano, onde o componente absoluto da centralidade do trabalho (1ª dimensão do significado do trabalho) e os resultados valorizados do trabalho (3ª dimensão do significado do trabalho) ficam dispostos do lado direito, no hemisfério emocional, uma vez que têm conceitos e análises mais focados nos sentimentos do indivíduo, mesmo que ainda sejam influenciados pelo contexto social; e o componente relativo da centralidade do trabalho (1ª dimensão do significado do trabalho) e as normas sociais do trabalho (2ª dimensão do significado do trabalho) ficam do lado esquerdo, no hemisfério racional, uma vez que têm conceitos e análise com maior influência do contexto social, observando-se uma perspectiva mais racional do indivíduo em relação ao trabalho.

Para melhor disposição do que foi alcançado com a pesquisa, essa seção aborda os resultados de cada uma das três dimensões dos conceitos teóricos do modelo elaborado pela equipe MOW (1987) separadamente, sendo unificadas no significado do trabalho que foi abordado de forma conclusiva nas Considerações Finais.

Para melhor identificação dos entrevistados ao longo do texto, retoma-se as

nomenclaturas do Quadro 1, relacionando-as à etnia e a atuação dos indígenas de acordo com o seu país, conforme quadros a seguir:

Quadro 3 – Identificação Geral dos Artesãos Indígenas no Ceará, Brasil

IDENTIFICAÇÃO GERAL DOS ARTESÃOS INDÍGENAS - Ceará, BRASIL						
NOMENCLATURA	CE1m	CE2h	CE3h	CE4m	CE5m	CE6h
ETNIA	Tremembé	Pitaguary	Pitaguary	Pitaguary	Pitaguary	Pitaguary
ATUAÇÃO	Artesã indígena, escritora, palestrante.	Artista plástico, terapeuta holístico, masterapeuta, estudante de geografia, comunicador indígena, instrutor de oficinas.	Artesã indígena, professor.	Artesã indígena.	Artesã indígena.	Artesão indígena, porteiro, trabalhar com arte identidade, instrutor de oficinas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 4 – Identificação Geral dos Artesãos Indígenas de Nuevo León, México

IDENTIFICAÇÃO GERAL DOS ARTESÃOS INDÍGENAS - Nuevo León, MÉXICO					
NOMENCLATURA	NL1m	NL2h	NL3h	NL4m	NL5h
ETNIA	Zapoteca	Mixteco	não identificado	Otomí	Mixteco
ATUAÇÃO	Artesã indígena, administradora, instrutora de oficinas.	Artesão indígena, instrutor de oficinas.	Artesão indígena.	Artesã indígena.	Artesão indígena.

Fonte: Elaborado pela autora.

A coleta de dados se deu por conveniência, como citado na seção anterior, tendo um desequilíbrio entre a variação das etnias dos povos indígenas entrevistados no Ceará e em Nuevo León.

No Ceará foram identificadas duas etnias, a etnia Tremembé e a Pitaguary, essa última predominante em cinco dos seis artesãos indígenas. Já em Nuevo León, houve uma maior diversidade de etnias entre os artesãos indígenas entrevistados, sendo três etnias — a Zapoteca, a Mixteco, e a Otomí —, nas quais dois dos cinco artesãos indígenas são de etnia Mixteco, um da Zapoteca, e outro da Otomí. Não se identificou a etnia do artesão NL3h por questão linguística.

Essa maior diversificação em Nuevo León pode ser justificada por ser uma região com imigração de muitos povos, em oposição aos artesãos do Ceará, que são de etnias predominantes da região, com aldeia demarcada, como identificado durante a coleta de dados.

É importante salientar que nenhum dos artesãos indígenas do Ceará falam o idioma nativo de seu povo originário (povo indígena), com exceção de apenas algumas palavras ou cantos, mas todos falam português brasileiro; e em Nuevo León, todos, exceto o NL4h, falam o idioma nativo, sendo que: NL1m e NL2h falam razoavelmente o idioma nativo, e falam bem o espanhol mexicano; NL3h fala bem o idioma nativo, mas não tem domínio do idioma espanhol mexicano; NL4 e NL5m falam razoavelmente bem o idioma nativo e o espanhol mexicano.

Essa diferença de domínio linguístico do idioma nativo entre os artesãos indígenas do Ceará, e de Nuevo León, pode ser justificado pelo ingresso dos povos indígenas do Ceará nas zonas urbanas e a perda da identidade, devido a diminuição de vivências e costumes característicos de seus povos originários entre suas aldeias e entre os familiares, além de poucos espaços dedicados à valorização de suas raízes no estado, o que os influenciam no esvaimento de sua cultura indígena. Enquanto que, no estado de Nuevo León, existem mais locais sociais que abordam a cultura indígena e que permitem o conhecimento acessível desta para todos, além do distanciamento da região onde moram da zona urbana, como identificado durante a coleta de dados.

Adiante, aborda-se a discussão dos resultados de cada uma das três dimensões dos conceitos teóricos do modelo elaborado da equipe MOW separadamente.

4.2 Centralidade do trabalho

A primeira dimensão teórica do modelo elaborado da equipe MOW (1987), a Centralidade do trabalho, buscou identificar a importância do trabalho na vida do indivíduo, sendo um “conceito sagrado” (BORGES; YAMAMOTO, 2001), pois para identificar o significado do trabalho para o indivíduo, precisa-se identificar a atribuição que ele dar ao seu trabalho.

No caso da presente pesquisa, buscou, nessa dimensão, identificar a importância do trabalho na vida dos artesãos indígenas do estado do Ceará (Brasil) e do estado de Nuevo León (México), o que deu subsídio para alcançar o primeiro objetivo específico do presente estudo, que foi caracterizar a centralidade do trabalho para os artesãos da região do Ceará e de Nuevo León.

Dessa forma, no Quadro 5, se destacam alguns trechos das respostas dos artesãos indígenas para nortear a discussão dos resultados dessa dimensão:

Quadro 5 – Trechos Norteadores 1ª Dimensão, a Centralidade do trabalho

DIMENSÃO TEÓRICA MOW (1987)	TRECHO NORTEADOR
1ª DIMENSÃO: CENTRALIDADE DO TRABALHO	“[...] pra mim, meu artesanato é tudo, ele faz parte da minha renda, da, do meu sustento, ele faz parte é da minha terapia, da minha saúde, e ele me faz bem, o importante de tudo é que ele me faz bem, porque eu tô dando continuidade da minha cultura através do meu artesanato [...]”. “[...] quando eu estou em crise, ao invés de eu não trabalhar, eu trabalho, eu fico meio assim que isolada, mas eu trabalho e ali é vêm coisas incríveis assim, sabe, maracás que eu já pensei em não vender de tão lindas que ficaram.” (CE1m)
	"[...] Pra mim, trabalho é tudo que vai gerar uma forma de sustento, mas não só sustento econômico, mas também eu acho que sustento vai além do sustento econômico, vai uma coisa mais, é, coletiva, uma coisa espiritual, então, as vezes, a gente tá na aldeia, a gente tá fazendo várias atividades que são trabalhos, mas não tem um fim lucrativo, mas tem um fim de um bem coletivo, a gente tá fazendo um mutirão pra limpar um espaço da gente, pra retalhar uma palhoça [...] um pesca, outra coisa do peixe. Então, acho que o trabalho tem que gerar algum tipo de fruto, se não gera fruto, pra mim, não é trabalho, ou fruto econômico, ou fruto coletivo, ou espiritual né.” (CE2h)
	"Todo trabalho vale a pena, cada peça e por isso, cada peça tem diferentes decorar [...] É meu ofício, é minha família também, porque penso muito: Porque se vendo uma peça, você vai ajudar sua família, e se faz um trabalho ruim, não vai querer comprar, e perde tua família. Meu pai está doente e depende muito de mim [...].” (NL2h)
	"É meu trabalho, que me deu isso, é muito trabalhoso, mas eu gosto muito e que bom que minha filha gostou desse trabalho [...]”. “[...] E graças a essas bonecas, eu posso ajudar meus filhos, uma menina e um menino que foram pra universidade e estão terminando para receber o título [...] mas como aqui é muito trabalho, tem uma maneira de vender, de trabalhar, para irmos adiante.” “[...] Eu só me dedico a fazê-lo, porque cada um dos meus filhos, eu quero que tenham a oportunidade da universidade, todos tenham sua universidade, [...] é o que mais quero.” “[...] um dos meus filhos não terminaram a universidade, porque eu fiquei doente e não pude trabalhar, graças a deus, por um milagre de deus, porque eu já não podia trabalhar.” (NL4m)

Fonte: Elaborado pela autora.

Nota-se que a Centralidade do trabalho dos artesãos indígenas do Ceará, e dos artesãos indígenas de Nuevo León, é alta e absoluta (MOW, 1987): o trabalho quando visto sob ele próprio na vida do indivíduo como descreve Borges e Yamamoto (2001) e Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012) em seus estudos. Em relação à pesquisa, percebeu-se que o trabalho tem grande importância na vida de todos os artesãos indígenas, tanto brasileiros quanto mexicanos, conforme observa-se nas falas exemplificadas no quadro anterior.

Percebe-se que o trabalho dos artesãos indígenas do Ceará se entrelaça com o seu ser pessoal e às outras esferas, sendo muito central por ser importante, mas também por fazer parte da essência do artesão indígena brasileiro:

“[...] pra nós indígenas, além de ser uma forma de viver, de se manter, ele também é

uma, uma filosofia de vida, seja ele artesão [...], e o trabalho, ele dar dignidade, ele constrói, ele, ele consegue fortalecer a cultura do povo, então, nós temos essa perspectiva do trabalho, não um trabalho que escraviza, mas um trabalho que liberta, que constrói." (CE3h).

"Aí não vê, e eu quando eu olho, eu já enxergo alguma coisa diferente." "[...] é como se a perca de memória, da amnésia que eu tive abrisse minha outra memória, e hoje qualquer peça que eu vejo eu consigo recriar [...]" "[...] essa perca de memória eu associo ao resgate da minha outra memória indígena né que a partir daí é algumas coisas realmente apagaram e outras ficaram mais forte né, reabriram na minha memória, por conta do tratamento né, da memória que eu faço, eu preciso fazer psicoterapia, eu sou acompanhada por psiquiatra [...]" passo muito preconceito porque as pessoas dizem assim né: - ah, essa mulher não tem nada. Porque se você olha pra mim, você vai ver uma pessoa normal. Você não sabe o sofrimento que eu tenho em imaginar que amanhã eu posso acordar como uma página em branco né, então assim, eu preciso realmente trabalhar minha memória e o artesanato é isso pra mim, parte da minha saúde também." (CE1m).

Esse entrelaçado do trabalho dos artesãos indígenas, com o seu ser e as outras esferas, é identificado a partir das duas propriedades do componente absoluto da centralidade do trabalho no modelo elaborado da equipe MOW. Ambas propriedades são complementares e interligadas, e caracterizam o componente absoluto da centralidade do trabalho.

Além do componente absoluto, a centralidade do trabalho é definida por outro componente, chamado de relativo (TOLFO; PICCININI, 2007), que compara o trabalho com outras esferas da vida: família, lazer, religião e comunidade (BORGES; TAMAYO, 2001).

O trabalho para os artesãos indígenas de Nuevo León, apesar de ser muito importante, assim como é para os artesãos indígenas do Ceará, se apresenta abaixo da esfera familiar que é relacionada com o sustento da família, apresentando um distanciamento do trabalho artesanal como parte de si — o que difere do que foi destacado pelos artesãos indígenas brasileiros, onde o trabalho é visto como parte de si mesmo. Dessa forma, o trabalho para os artesãos mexicanos é tido como subsistência, tendo em vista a sua finalidade de sustento e manutenção familiar:

"Nos dedicamos a fazer, é o que vivo, eu e minha esposa [...] para não se perca a cultura, a parte do sustento para a família, para a educação das crianças, da escola [...]." (NL5h).

Percebe-se um maior envolvimento do NL2h com o seu trabalho, o que pode ser justificado pelo fato desse artesão ser um dos artesãos indígenas entrevistados que melhor se comunica em espanhol e conseqüentemente, possuir mais segurança em falar na entrevista. Observou-se em suas falas um equilíbrio entre o trabalho e a esfera familiar, nas quais apresenta ter um envolvimento afetivo (BENDASSOLLI; ALVES; TORRES, 2014) com as peças únicas que cria, ao mesmo tempo que tem a manutenção familiar como esfera importante de sua vida.

Apesar da esfera familiar ser importante para NL2h, como observado nos demais artesãos indígenas mexicanos, o NL2h tem uma maior identificação e envolvimento e comprometimento com o trabalho que realiza, se assemelhando aos artesãos indígenas brasileiros. Esse equilíbrio entre a esfera do trabalho e a familiar do NL2h é exemplificado a seguir:

"[...] eu gosto de alebrijes, eu sempre disse a minha esposa que se fosse rico, eu compraria milhões, [...] porque realmente eu gosto. [...] Chega um cliente, como a vez de domingo passado, e viu um [...] que eu gostei bastante e foi mandado e me disseram: já vendi, e eu não estava preparado (risos), me senti muito triste, e claro muito alegre porque é dinheiro para a casa, mas é como filho, [...] há um carinho único com a peça, quero bastante bem [...] porque é um trabalho único, [...] pode fazer outro, mas não será igual." (NL2h).

Ele, NL2h, destaca que o trabalho é algo inspirador e único:

"Bem, mais que nada, estou apaixonado por algo, fazer um alebrije tem que ter muita paciência, muito, muito amor, porque é o trabalho é muito lento, tens que estar: às vezes, minha esposa, faz comida ou algo e me chama pra comer, e eu: - um momento, um momento. E esse momento é quatro, cinco horas porque quero terminar, porque quando chega a ideia, não quero que me escape [...] se chega algo, me levanto e ponho, porque é uma inspiração constante." "[...] fazemos tudo é a mão, com pincel [...] único, único, não há nada repetido [...] vai levar uma peça única." (NL2h).

Do mesmo modo, foi identificado que para os artesãos indígenas brasileiros o trabalho é algo inspirador e único:

"[...] o artesanato, a gente sente, né ele. Por exemplo, eu pego uma peça, eu olho pra peça e eu já sei o que vou criar a partir dali, mas outra pessoa olha e diz: eu tô vendo só uma guenga de coco, por exemplo, que a guenga é minha matéria prima do meu artesanato, digamos assim. [...] quando eu faço artesanato eu me sinto muito bem, quando eu estou bem, eu faço muitas peças, só que curiosamente, quando estou em crise, saem peças únicas [...]." (CE1m).

"[...] sempre quando eu tô fazendo alguma coisa, eu me sinto como se fosse assim, como se não fosse eu, como se fosse outra pessoa que viesse dentro de mim, me ensinando a fazer aquilo ali." (CE5m).

"[...] quando eu pego uma peça pra me fazer, aquela encomenda, eu boto o coração, espírito né, e tudo em cima daquilo ali, então vem na minha imaginação [...]." (CE6h).

A pouca identificação, e o pouco envolvimento e comprometimento observado no NL3h, pode ser interpretado de duas maneiras: a primeira, por ele ser um dos cinco artesãos mexicanos que menos falava espanhol, sendo o que mais teve dificuldade de se expressar; e a segunda, por ele realmente não se identificar ou não ter um envolvimento e comprometimento como os demais artesãos indígenas brasileiros e mexicanos apresentaram. Observa-se que ele tem um desprendimento do trabalho consigo mesmo; que apesar de importante, o trabalho não levanta nenhuma identificação e/ou envolvimento e comprometimento profundo para si:

"a gente mantém semeando, nada mais, fazendo trabalhos manuais, vendendo aqui, nas cidades [...] quando eu era criança, [...] minha mãe, meu pai faziam, faziam trabalhos manuais, e me ensinaram, quando eu tinha doze, dez anos, comecei a fazer e por isso estamos aqui, para vender." (NL3h).

Além disso, o NL3h apresentou não se importar tanto com a qualidade de seu trabalho, destacando apenas a importância das cores e estilo da cultura:

"compramos o material, vem de muitas cores [...] a gente gosta de muitas cores e por isso fazemos assim [...] é como um enfeite." (NL3h).

Tanto os artesãos indígenas brasileiros, como os artesãos indígenas mexicanos, atribuem o seu trabalho a uma identidade cultural:

"[...] O artesanato pra mim ele é muito importante, porque ele é uma forma de manter minha cultura viva. Desde dos meus cinco anos de idade, meu pai fazia maraca pra mim [...]." (CE1m).

"[...] porque para nós, isso tem muita valor, valor cultural." (NL2h).

"É, a encantaria, pra gente, pra mim, as peças tem um significado muito especial, e não é uma peça feita de qualquer jeito né, cada peça que é produzida, ela remete a espiritualidade do povo pitaguary, seja nas cores, no formato, na, na representação daquela peça aqui, a quem pertence aquela peça, então, basicamente, eu não consigo fazer da mesma peça igual, então são peças exclusivas, são sempre únicas [...]." "Pra mim, de fortalecimento cultural [...] é uma forma de demarcar espaço cultural, social [...]." (CE3h).

A esfera lazer e comunidade não foi levantada por nenhum dos entrevistados e nem reforçada pelo pesquisador. Religião foi pouco citada, e quando referenciada, foi em relação ao trabalho em um contexto maior: CE1m a inspiração do trabalho a vidas passadas, CE2h a um processo espiritual, CE3h a uma espiritualidade, e NL4m a ajuda de Deus. Dessa forma, não se pode dizer que a esfera religiosa tem baixa centralidade, pois diretamente, os artesãos indígenas, sejam brasileiros ou mexicanos, não foram confrontados pelo pesquisador em relação a essa esfera diretamente. No entanto, podemos destacar a fala do CE2h, que apresenta ter tido dificuldade de precificar o seu trabalho artesanal indígena por considerá-lo sagrado, antes de tudo:

"No começo eu tive muito problema, por questão de preço, porque eu não queria cobrar, porque pra mim, tudo que é sagrado, não se cobra, então eu tinha grande problema de cobrar [...]" (CE2h).

No entanto, o trabalho ainda é mais central na vida do CE2h, mas faz referência a sua essência, se entrelaçando com o seu ser, como foi identificado em todos os artesãos indígenas brasileiros, e em um artesão indígena mexicano, o NL2h.

A seguir, as discussões dos resultados continuam para a segunda dimensão do significado do trabalho.

4.3 Normas Sociais do trabalho

A segunda dimensão teórica elaborada pela equipe MOW (1987), as Normas sociais do trabalho, são definidas por dois conjuntos opostos (TOLFO; PICCININI, 2007): os direitos e deveres. Na presente pesquisa, foram relacionadas entre si as respostas dos artesãos indígenas do Ceará e de Nuevo León, dando subsídio para alcançar do segundo objetivo específico deste presente estudo, que é examinar possíveis diferenças e semelhanças dos dois grupos em relação às Normas sociais do Ceará, no Brasil e de Nuevo León, no México.

No geral, todos os artesãos indígenas têm as normas sociais mais determinadas pelo conjunto de direitos, do que pelo conjunto de deveres. Os direitos se referem às ações e limitações que a sociedade disponibiliza para o trabalho do indivíduo, que na presente pesquisa são as obrigações que a sociedade tem para com os artesãos indígenas. Essa determinação, voltada para os direitos, pode ser justificada pela visão que os artesãos indígenas brasileiros e mexicanos têm do valor da sua identidade cultural e da importância disso para o seu povo:

"[...] eu via as pessoas vendendo a nossa arte, a nossa identidade em forma de, de material, através da matéria prima que nós temos dentro da comunidade, por valor bem pequeno, bem pequeno mesmo, e aquilo, eu sempre gostei de inovar, a ai a gente já nasce com esse dom de ser artesão, de trabalhar com alguma coisa, a gente indígena [...] aí comecei através de outros amigos a desenvolver [...] um padrão de arte identidade dentro dos nossos costumes e nossa cultura [...] e comecei fazendo, e eu mesmo nem espera que ia aderir tanto valor. E hoje tem um valor razoável, um valor bom [...]." (CE6h).

Essa determinação, mais inclinada para o conjunto dos direitos, vai em oposição ao que Bastos, Pinho e Costa (1995) citam sobre as normas sociais do trabalho constituírem-se, no geral, por "trocas equitativas" entre o indivíduo, o trabalho e a sociedade.

Na análise, observou-se dois aspectos levantados pelos artesãos indígenas brasileiros e mexicanos em relação ao conjunto de direitos: espaços e valorização, que foram estruturados em dois quadros, apresentados adiante. O primeiro, Quadro 6, refere-se ao aspecto espaços:

Quadro 6 – Trechos Norteadores 2ª Dimensão, as Normas Sociais do trabalho - Direitos (espaços)

DIMENSÃO TEÓRICA MOW (1987)	ORIENTADA	TRECHO NORTEADOR
2ª DIMENSÃO: NORMAS SOCIAIS DO TRABALHO	DIREITOS (ESPAÇOS)	“[...] é uma peça criada por mim né, mas não tem espaço pra expor ele [...] e é uma peça única né que às vezes só sai aquele desenho.” [...] se realmente eu fosse me dedicar só ao artesanato, se tivesse assim né uma organização que eu pudesse levar já aquelas peças, mas não, esse serviço todo, assim, eu que crio, eu que confecciono, eu que pinto, eu que faço tudo, eu finalizo a peça e depois eu ainda tenho que arranjar comprador, espaço né, administrar as redes sociais.” “[...] Acabei vendendo por necessidade né, e também não tinha espaço para mim expor, mas daria uma exposição espetacular, mas como a gente não tem espaço, às vezes, nem pra venda né fica difícil [...].” (CE1m)
		"Chegou um ponto que queremos conseguir um local, um local físico." “[...] nas feiras também, quando nos pedem, nos dizem que tem uma feira, ai nos ponhamos a trabalhar [...] peças para vender.” (NL2h)
		"[...] espaços pra venda né, espaços, e também a valorização, porque mesmo sendo peças exclusivas, ainda a gente tem dificuldade na venda, as pessoas acham caro [...].” (CE3h)
		"Quando tem evento, quando há a possibilidade, eu vou, podem me encomendar, pode haver um evento aqui, outro, e já me convidam, convidam minha filha e eu agradeço muito porque ela é um apoio para seguir adiante [...].” (NL4m)
		"Se a gente tivesse acesso a feira [...] um canto pra gente levar [...] pra divulgar mais.” (CE4m)
		"Quando há, vamos nas feiras, nas colônias, por exemplo, no centro comercial [...] vendemos todo domingo, ai, no cordel de arte.” (NL5h)

Fonte: Elaborado pela autora.

No geral, em relação às normas sociais orientadas aos direitos, foi identificado que todos os artesãos indígenas brasileiros e mexicanos, se assemelham quando consideram que precisam de espaços para vendas e exposição, de mais espaços, e apoio para divulgação de seu trabalho. No entanto, observou-se nas respostas dos artesãos indígenas brasileiros, que na perspectiva deles, existem poucos espaços e pouco apoio no estado do Ceará, e abordam essa questão de forma direta em suas falas, como em:

"[...] não tinha espaço para mim expor, mas daria uma exposição espetacular, mas como a gente não tem espaço, às vezes, nem pra venda né fica difícil [...]" (CE1m).

Quando comparado às respostas dos artesãos indígenas mexicanos, percebe-se que em Nuevo León há espaços para vendas periodicamente, como feiras e espaços culturais que apoiam o trabalho dos artesãos indígenas mexicanos:

"Quando há, vamos nas feiras, nas colônias, por exemplo, no centro comercial [...] vendemos todo domingo, [...] no cordel de arte." (NL5h).

O segundo aspecto do conjunto de direitos, a valorização, estruturado no Quadro 7, levanta trechos das falas dos artesãos indígenas brasileiros e mexicanos que destacam a necessidade, segundo eles, da valorização cultural do seu trabalho.

Quadro 7 – Trechos Norteadores 2ª Dimensão, as Normas Sociais do trabalho - Direitos (valorização)

DIMENSÃO TEÓRICA MOW (1987)	ORIENTADA	TRECHO NORTEADOR
2ª DIMENSÃO: NORMAS SOCIAIS DO TRABALHO	DIREITOS (VALORIZAÇÃO)	"Acho que a valorização mesmo do trabalho, [...] às vezes as pessoas acham caro, mas não entendem o processo que ta por trás [...] e é um trabalho muito grande, [...] e é um trabalho muito grande e não é todo mundo que sabe fazer." (CE2h)
		"[...] Há muita ganância, não temos muito preço fixo, às vezes subimos, as vezes baixamos [...]." (NL2h)

Fonte: elaborado pela autora.

Observou-se que os dois grupos, o dos artesãos indígenas brasileiros e o dos artesãos indígenas mexicanos, se assemelham no aspecto dos direitos à valorização das normas sociais do trabalho. A maioria cita a necessidade da valorização cultural em algum momento da entrevista, informando direta ou indiretamente, a desvalorização da sociedade no preço de seus produtos, como por exemplo, no trecho a seguir:

"[...] Se eu realmente fosse cobrar um valor que essa peça tem para mim né, eu preferia dar de presente (risos) né, porque as pessoas não têm esse entendimento. Tem uma pessoa que disse pra mim assim: - Ah, mas isso, isso aqui é coco, coco é tão barato. Se você analisar, um copo desse aqui né, dos menores ali, uma tacinha dessa dali, por exemplo, R\$10,00, aí você diz assim: - Taqui, R\$10,00, aqui eu preciso de duas partes do coco, eu preciso dessa parte e dessa parte (mostra copo), então, eu vou ter, porque aqui eu não posso usar o lado do olho né, porque vai líquido. Então, aqui vou ter o custo de pelo menos de dois cocos né. Eu produzo

coco, tudo bem, isso daí vai ser mais lucrativo pra mim porque eu já tô produzindo o meu coco, mas se eu for comprar, e tenho que levar em conta o que eu vou comprar, dois cocos já é R\$6,00 no mercado. Então, um coco desse todo trabalhado, não é caro gente né. E tem todo, é entalhado, entendeu, mas como não tem um local específico pra ver a arte e não só aquele trabalho, ver assim como artesanato, e não ver o lado da cultura, realmente fica difícil pra gente né. Aí uma vez, a maraca, R\$35,00, tem que ter essa abertura aqui e todo o material que tem dentro dela eu tiro por essa abertura, então eu levo quase um dia pra limpar por dentro de um coco desse. Ela é R\$35,00, paga meu dia de trabalho?! Não paga né. Aí eu coloco essa colinha aqui, que ela vai secar, e ela só vai tá finalizada mesmo com dois dias, porque eu tenho que esperar secar né e não dar pra fazer em escala, não dar, tem que fazendo de pouca quantidade mesmo né. Ai então, ela só vai tá pronta realmente com dois dias, vai pagar dois dias de trabalho meu, R\$35,00?! Não vai, entendeu, mas eu faço, eu procuro fazer o máximo possível né aprontar assim umas quatro e cinco pra poder compensar aquele dia.” (CE1m).

Observa-se que os artesãos associam a valorização do seu trabalho pela sociedade não somente no retorno financeiro, mas também pelo visual, qualidade e/ou popularidade que ela o atribui:

"[...] tem gente que já vê como trabalho, porque gostam bastante." [...] já nos veem e dizem: - Ah, não, sabes que fazem os alebrijes. E tudo isso, muita gente tem gostado." [...] Já tem ido para Itália, para vários que tem nos visitados [...] todos que vem sempre gostam." (NL2h).

"Acho que percebem de forma positiva, eu não ligo muito pra críticas, mas eu não costumo receber muitas [...]. Eu viajo bastante, chego numa universidade, [...] e eu chego e as pessoas me conhecem, sem eu nunca ter ido lá, então eu acho isso importante." "[...] Às vezes eu chego nos lugares, as pessoas já me conhecem, já tem uma certa ideia formada de mim, ver meu trabalho na internet [...], tem gente que vem e: - Ah, eu quero que tu me pinte, porque eu sou teu fã [...] e eu acho isso bem importante pra valorizar o que a gente faz, e estimular a gente a continuar né, estimular a gente sempre em frente, porque as dificuldades sempre aparece." (CE2h).

Observa-se que o NL2h aborda em suas falas necessidades mais específicas, o que pode ser justificado pela visão empreendedora que ele possui, ou por sua melhor comunicação em relação aos outros artesãos indígenas mexicanos (é um dos dois artesãos mexicanos que fala bem o espanhol mexicano), ou ainda, por seu trabalho ser popular em sua região. São elas:

"[...] um pouco de inglês, administrar bem as contas [...] as horas [...]." [...] frases em inglês, números, coisas básicas, para atender os clientes, porque chegam muitos turistas, [...] para que nos entendam um pouco." [...] Queremos que nos apoiem, de certa maneira, [...] buscar como atrair mais público, mais público, porque se entra mais público [...] vai sair mais clientes. Nós queremos também melhorar a página." (NL2h).

O conjunto dos deveres das normas sociais do trabalho, que se refere às obrigações que os indivíduos têm com a sociedade (BASTOS; PINHO; COSTA, 1995), são relacionadas pelos artesãos indígenas brasileiros e mexicanos a aspectos mais individuais, nos quais todos

abordaram, direta ou indiretamente em suas falas, a busca financeira e o sustento familiar como um dever deles como trabalhadores, como exemplificado no Quadro 8, a seguir:

Quadro 8 – Trechos Norteadores 2ª Dimensão, as Normas Sociais do trabalho - Deveres

DIMENSÃO TEÓRICA MOW (1987)	ORIENTADA	TRECHO NORTEADOR
2ª DIMENSÃO: NORMAS SOCIAIS DO TRABALHO	DEVERES	"aprendi como um entretenimento, conforme eu fui crescendo, minha vó sempre dizia que aprender algo manual era importante [...] porque há momentos de crises, e o trabalho sempre existirá e um artesanato será sustento para tua família." (NL1m)
		"[...] enfim, vieram muitas dificuldades que eu não dei mais conta de manter a loja [...] tive que fechar mesmo, e isso impactou diretamente na minha renda né, que a loja me gerava R\$ 3.000,00 por mês, tinha um padrão até razoável né e isso veio pra zero, veio pra só a renda do meu esposo, e aí mais a dificuldade de cuidar de mim. [...] Vieram essas dificuldades, e por isso eu comecei a fazer artesanato. [...] finalzinho de 2015 eu já comecei a fazer só artesanato [...] só com artesanato indígena." (CE1m)

Fonte: elaborado pela autora.

Esse aspecto individual dos artesãos indígenas para com os seus deveres sociais é coerente com o que foi observado nessa dimensão das Normas sociais do trabalho, que, de maneira geral, é mais norteadora pelos direitos. Uma vez que os artesãos indígenas brasileiros e mexicanos sabem o valor da sua identidade cultural para seu povo e para a sociedade como um todo, suas normas sociais são baseadas em seus direitos, como povos originários.

A seguir, as discussões dos resultados continuam para a terceira dimensão do significado do trabalho.

4.4 Resultados e objetivos valorizados do trabalho

Essa dimensão busca identificar o(s) motivo(s) pelo(s) qual(is) o artesão indígena trabalha, a partir da verificação de seis aspectos, entre eles, expressivos e econômicos (MOW, 1987), como também abordados em Bastos, Pinho e Costa (1995), descrevendo e analisando as respostas dos entrevistados, dando subsídio para alcançar o terceiro objetivo específico deste presente estudo. Para melhor visualização, o Quadro 9 apresenta os seis aspectos motivadores da terceira dimensão, relacionando-os aos artesãos indígenas que os abordaram:

Quadro 9 – Trechos Norteadores 3ª Dimensão, a Resultados e objetivos valorizados

DIMENSÃO TEÓRICA MOW (1987)	ASPECTO MOTIVADOR		ARTESÃO INDÍGENA
3ª DIMENSÃO: RESULTADOS E OBJETIVOS VALORIZADOS DO TRABALHO	Status		NL2h, CE3h, CE6h
	Função Econômica		Todos (CE1m, CE2h, CE3h, CE4h, CE5m, CE6h, NL1m, NL2h, NL3h, NL4m, NL5h)
	Ocupação		CE4m, CE5m
	Contatos Sociais		Não foi abordado.
	Útil para a sociedade	Sociedade geral	CE1m
		Para seus povos indígenas	CE1m, CE2h, CE3h, CE4h, CE5m, CE6h, NL1m, NL2h
Interessante/ Autorrealização		CE1m, CE2h, CE3h, CE4h, CE5m, CE6h, NL1m, NL2h, NL4m, NL5h	

Fonte: elaborado pela autora.

Como observado, principalmente na primeira dimensão, o sustento da família e a renda fazem parte do trabalho de todos os artesãos indígenas entrevistados, e na presente dimensão são associados ao aspecto econômico ou função utilitária MOW (1987); Bastos, Pinho e Costas (1995); Morin, 1996 *apud* Andrade; Tolfo; Dellagnelo (2012), relacionando-se ao aspecto motivador: a função econômica. Em vista disso, a função econômica é um dos motivos pelos quais os artesãos indígenas trabalham, tendo essa sido identificada tanto nas

falas dos artesãos indígenas brasileiros quanto dos artesãos mexicanos:

"é, e também uma fonte de geração de renda." (CE3h).

"Ele é minha terapia, ele é o meio de sobrevivência hoje né, é geração de renda e é a maneira que eu me fortaleço também né." (CE1m).

Observa-se em duas artesãs indígenas brasileiras um aspecto utilitário, o de ocupação, que se refere a manter-se ocupado realizando uma atividade como uma de suas motivações:

"É tudo! (risos). Além de você tá ganhando né, ter seu ganho, você tá ocupando a mente em alguma coisa." (CE4m).

"É bom, é uma coisa boa, uma desenvolvencia pra mente, é um meio de se manter, né." (CE5m).

Identifica-se na artesã CE1m uma motivação relacionada ao aspecto utilidade para a sociedade, que aborda seu trabalho como sustentável, uma vez que as principais matérias primas de suas peças são naturais, biodegradáveis, contribuindo para o meio ambiente e para uma sociedade mais sustentável:

"Infelizmente, eu não consigo atingir o meu objetivo que seria né espetacular, se todo mundo tivesse, aqui ô, os meus produtos são ecológicos né, a base de guenga de coco, se todo mundo tivesse um desses, já não ia ter um monte de plástico daqueles porta escovas de plástico, entendeu [...] então, não vai ter aqueles plásticos, vai ajudar o meio ambiente, vão educar as pessoas em relação a cultura indígena ne, sobre a sustentabilidade." (CE1m).

Observa-se, de maneira geral, que no aspecto utilidade para sociedade, na perspectiva da maioria dos artesãos indígenas entrevistados, suas motivações estão relacionadas ao compartilhar, dividir seu conhecimento com os demais, principalmente com os próprios povos indígenas, de maneira coletiva, com empatia e solidariedade, exceto para NL3h, NL4m, e NL5h, que não abordaram tal aspecto:

"A minha inspiração maior é trazer pra o nosso povo a questão deles acreditar neles, acreditar que nós tem um potencial, independente de você ou seja lá quem é que seja achar que eu tenho ou achar que eu não tenho ou achar que eu vendo ou achar que alguém goste, pra mim, não me interessa, interessa que eu goste de fazer aquilo que eu faço e o que eu queria é que as pessoas acreditassem que além de ser uma fonte de renda, é a permanência de nós, uma das permanências de nós se manter vivos e se mantermos ali, que nós indígenas [...]." (CE6h).

"[...] os artesãos, nós queremos que realmente retome, a tradição, o ofício verdadeiro, temos uma competência, sabe, mais qualidade, mais esse empreendimento, e sinto que isso vai nos abrir as portas a todos." "Isso é uma coisa que nós gostamos: compartilhar o que temos e por isso também damos aulas. [...] compartilhamos, e muita gente gosta, nós ajudamos [...] se quiser uma peça ou se quiser trabalhar, nós vamos ensinar [...] para que isso não se perca [...]" "Compartilhamos com toda a gente daqui [...] também damos em empresas que não tem haver com trabalhos manuais, como Coca-Cola [...]." (NL2h).

"Vencer, ver meu vizinho vencer, meu irmão, meu tio, todo mundo crescer e não diminuir." (CE4m).

Nenhuma motivação relacionada com o aspecto de contato social foi abordada pelos artesãos indígenas, e nem reforçado pelo pesquisador. Todos, com exceção do NL3h, abordaram a valorização da cultura como uma motivação para o seu trabalho, na qual se relaciona com o aspecto de autovalorização (interessante) e auto realização, como exemplificado adiante:

"[...] mas meu artesanato não é pela renda sabe, é pela cultura, pela disseminação da minha cultura, que cada pessoa que vai, hoje de manhã teve um grupo de alunos aqui né, aí ele levaram, ali tudo que eu falei pra eles, que eles perguntaram tal umas coisas da cultura né e como era feito tal, ali eles levaram a sementinha, sabe, amanhã ou depois, eles vão tá passando aquele conhecimento para alguém né, então isso que tem valor pra mim, ter o conhecimento da minha cultura mais adiante." (CE1m).

Houve quem apresentasse motivações específicas, e que se relacionam com o aspecto expressivo da motivação relacionada ao status — que se refere a posição de destaque percebida pelo artesão indígena. Foram eles NL2h, CE3h e CE6h:

"O que queremos fazer é registrar a marca, para que outras gentes não recebam crédito, que tem nossa identidade, e nós queremos avançar, avançar, avançar." [...] Temos um logotipo [...] ponhamos umas etiquetas que temos ao produto, enviamos aí para que a gente conheça que nosso trabalho autentico." (NL2h).

Percebe-se que a satisfação dos artesãos indígenas se diversifica entre eles, mas que possuem um equilíbrio observado quando todos ou a maioria abordam o aspecto econômico de função econômica (Todos: CE1m, CE2h, CE3h, CE4h, CE5m, CE6h, NL1m, NL2h, NL3h, NL4m, NL5h) e aspecto expressivo de autovalorização e auto realização do trabalho (CE1m, CE2h, CE3h, CE4h, CE5m, CE6h, NL1m, NL2h, NL4m, NL5h, exceto NL3h, que não abordou outras motivações além da função econômica, talvez pela dificuldade de falar em espanhol e a pouca comunicação). Dessa forma, compreende-se que os aspectos expressivos são tão importantes quanto os econômicos para os artesãos indígenas brasileiros e mexicanos.

Na seção a seguir, a última da presente pesquisa, foi abordado de forma unificada e conclusiva o significado do trabalho e as considerações finais deste estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como verificado nos levantamentos bibliográficos, o significado do trabalho é um tema muito estudado na academia, e o modelo elaborado no *Meaning of Work International Research Team* (MOW) (1987) é considerado um estudo clássico sobre essa temática, que com os resultados apresentados e discutidos até aqui, permitiram caracterizar o significado que os artesãos indígenas, do Estado do Ceará, no Brasil, e do Estado de Nuevo León, no México, atribuem ao trabalho artesanal que realizam.

A partir das análises dos resultados associados às três dimensões da equipe MOW (1987), alcançou-se os objetivos específicos, abordados na primeira e terceira seção desta pesquisa: a) Caracterizar a centralidade do trabalho para os artesãos da região do Ceará, no Brasil e de Nuevo León, no México; b) Examinar possíveis diferenças e semelhanças desses dois grupos em relação às normas sociais do trabalho; e c) Identificar as motivações para o trabalho dos artesãos indígenas pesquisados.

Para o contexto da presente pesquisa, baseados nos conceitos teóricos elaborados pela equipe MOW (1987), conclui-se que, na primeira dimensão (centralidade do trabalho), em relação à centralidade absoluta do trabalho, o trabalho dos artesãos indígenas tem atribuição de grande importância; e em relação à centralidade relativa do trabalho: para os artesãos indígenas brasileiros, o trabalho é a esfera mais importante em relação às outras esferas, sendo justificado pelo elevado envolvimento e comprometimento com o trabalho artesanal e forte identificação com ele, observado na centralidade absoluta; e para os artesãos indígenas mexicanos, mesmo o trabalho tendo uma atribuição muito importante, ele assume a segunda posição de importância quando comparado às outras esferas da vida, sendo a família a esfera mais importante, tendo em vista que a maioria dos artesãos indígenas mexicanos têm um baixo envolvimento e comprometimento e identificação com o trabalho artesanal em comparação com as perspectivas dos artesãos brasileiros, além de que, o trabalho é visto principalmente pela finalidade financeira de sustento da família.

Em relação à segunda dimensão (normas sociais do trabalho), percebeu-se que as normas sociais dos artesãos indígenas são orientadas mais pelos seus direitos do que pelos seus deveres, ou seja, na perspectiva deles, eles têm mais direitos do que deveres perante a sociedade, sendo esses direitos associados a valorização do trabalho pela sociedade tanto em termos culturais quanto financeiros. Além disso, baseado nas entrevistas, notou-se que existem menos espaços de valorização cultural indígena no Ceará em relação a Nuevo León.

Em relação à terceira dimensão (resultados e objetivos valorizados), conclui-se, a

partir da verificação das motivações pelos quais os artesãos indígenas trabalham, que os aspectos expressivos são tão importantes quanto os econômicos. Apesar da desvalorização da sociedade com o trabalho deles, segundo o que foi levantado nas entrevistas, o trabalho é valorizado pelos artesãos indígenas, independente de fatores sociais, uma vez que o trabalho faz parte do próprio indivíduo — de forma afetiva, principalmente para os artesãos indígenas brasileiros; e como manutenção da família, principalmente para os artesãos indígenas mexicanos. Dessa forma, a busca da valorização do trabalho pela sociedade, observada principalmente nessa dimensão, se dá ao valor da identidade cultural, como povos originários, para eles, para seu povo e para a sociedade como um todo.

Na presente pesquisa, identificou-se pouca diversidade étnica — somente duas etnias entre os artesãos indígenas brasileiros, e três, entre os artesãos indígenas mexicanos; e a limitação linguística do espanhol por parte de alguns artesãos indígenas mexicanos, que influenciou na comunicação com a autora.

Sugere-se, para estudos futuros: realizar pesquisas na mesma temática desta pesquisa ou em outras, unindo aspectos qualitativos com quantitativos, e buscando uma amostragem maior; produzir, ainda, outros estudos coletando mais etnias nas regiões brasileiras, mexicanas ou em outros países, explorando uma amostra mais ideal da população; aplicar os conceitos teóricos do modelo elaborado da equipe MOW (1987) em outros grupos de trabalhadores, como por exemplo, nos setores de serviços de beleza, como barbeiros.

Destaca-se que embora os indivíduos entrevistados trata-se de um grupo relativamente homogêneo que compartilham do contexto sociocultural: artesãos e indígenas, o significado do trabalho para esses indivíduos vai variar em relação à importância do trabalho e em relação às motivações pelas quais trabalham. No entanto, são coerentes em relação à perspectiva dos seus direitos e deveres, demonstrando que apesar da distância geográfica — Brasil e México, e da diferença étnica e linguística —, todos têm a mesma percepção de desvalorização da sociedade, justificada, talvez, pela questão histórica de colonização. Conclui-se ainda, que, os indígenas tem o trabalho como um ofício que faz tão parte da vida dele, que se confunde com a sua própria existência.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S. P. C.; TOLFO, S. R.; DELLAGNELO, E. H. L. Sentidos do trabalho e racionalidades instrumental: interfaces entre a administração e a psicologia. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, art. 2, p. 200-216, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rac/v16n2/v16n2a03.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2021.
- BASTOS, A. V. B.; PINHO, A. P. M.; COSTA, C. A. Significado do trabalho: um estudo entre trabalhadores inseridos em organizações formais. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 6, p. 20-29, 1995. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38307/37024>>. Acesso em: 13 fev. 2021.
- BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. Significado do Trabalho nas Indústrias Criativas. **RAE**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 143-159, 2011.
- BENDASSOLLI, P. F.; ALVES, J. S. C.; TORRES, C. C. Inventário sobre significado do trabalho de profissionais de indústrias criativas. **Avaliação Psicológica**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 13(2), p. 177-186, 2014. Disponível em: <<http://www.pedrobendassolli.com/textos/avaliacaopsicologica.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- BENDASSOLLI, P. F.; GONDIM, S. M. G. Significados, sentidos e função psicológica do trabalho: discutindo essa tríade conceitual e seus desafios metodológicos. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá, vol. 32, n. 1, p. 131-147, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rae/v51n2/v51n2a03.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2021.
- BORGES, L. O.; TAMAYO, Á. A estrutura cognitiva do significado do trabalho. **rPOT**, vol. 1, n. 2, p. 11-44, 2001. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v1n2/v1n2a02.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2021.
- BORGES, L. O.; YAMAMOTO, O. H. Psicologia, organizações e trabalho no Brasil. Mundo do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos. *In*: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B (Orgs.). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**, Porto Alegre: Artmed, 2004.
- CARVALHO, E. B. S. **Marco referencial dos povos indígenas do estado do Ceará. IPECE. Governo do Estado do Ceará. [Entre 2007 e 2021]**. Disponível em: <<https://adelco.org.br/wp-content/uploads/2018/06/Marco-Referencial-dos-Povos-Ind%C3%ADgenas-do-estado-do-cear%C3%A1.-IPECE.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2021.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- GOLDSTEIN, I. S. Artes indígenas, patrimônio cultural e mercado. **PROA – revista de antropologia e arte**, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, v. 1, n. 5, 2014. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/2331/1794>>. Acesso em: 04 mar. 2021.

GORENDER, J. Globalização, tecnologia e relações de trabalho. **Estudos Avançados**, São Paulo, Estudos Avançados, v. 11, n. 29, p. 309-361, 1997. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8986/10538>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

GOULART, P. M.; O significado do trabalho: delimitações teóricas (1955-2006). **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, UNESC, Santa Catarina, vol. 12, n. 1, p. 47-55, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25774/27507>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

GRANGEIRO, R. R.; BASTOS, A. V. B. O significado do trabalho para os artesãos da Região do Cariri Cearense. **HOLOS**, Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Rio Grande do Norte, vol. 2, ano 34, p. 190-206, 2018. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/6256/pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

KUBO, S. H.; GOUVÊA, M. A. Análise de fatores associados ao significado do trabalho. **R.Adm.**, São Paulo, v. 47, n. 4, p. 540-554, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rausp/v47n4/a03v47n4.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

KUBO, S. H.; GOUVÊA, M. A.; MANTOVANI, D. M. N. Dimensões do significado do trabalho e suas relações. **PRETEXTO**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 28-49, 2013. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/20038/dimensoes-do-significado-do-trabalho-e-suas-relacoes>>. Acesso em: 01 mar. 2021.

LEÃO, L. H. C. Psicologia do Trabalho: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais. **ECOS**, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (Fundação Oswaldo Cruz)/ Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 291-305, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1008/722>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª edição. São Paulo: Atlas, 2010.

MAXIMIANO, A. C. A. **Introdução à Administração**. 7ª edição rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

Meaning of Work International Research Team — MOW. *The meaning of working*. **London: Academic Press**, 1987.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-19, 2001. Disponível em: <https://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75902001000300002.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2021.

NEIVA, D. A. **O significado do trabalho para jovens da qualificação profissional no âmbito da assistência social**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21770/3/2016_dis_daneiva.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2021.

NUNES, T. S.; GONÇALVES, J.; SCHWEITZER, L.; TOLFO, S. R.; ESPINOSA, L. M. C. Sentidos e significados do trabalho para servidores públicos da Universidade Federal de Santa Catarina. **Avaliação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 379-398, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/3717/3319>>. Acesso em: 05 mar. 2021.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 5ª edição [rev.]. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

ORNELLAS, T. C. F.; MONTEIRO, M. I. Aspectos históricos, culturais e sociais do trabalho. **REBEn**, v. 59, n. 4, p. 552-555, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/reben/v59n4/a15v59n4.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2021.

RIASCOS, W. A. **Significados e sentidos de trabalho e carreira de trabalhadores de seis países das Américas**. 2017. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-03102017-100343/publico/sanchez_do.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SCHMIDT, M. L. G.; BARBOSA, W. F.; PINCELI, S. C. C.; LUCCA, S. R. Significados e sentidos do trabalho: Reflexões para a atuação do médico do trabalho na contemporaneidade. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Bahia, v. 6, n. 2), p. 138-142, 2017. Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1284/892>>. Acesso em: 02 abr. 2021.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, Edição Especial 1, Pernambuco, p. 38-46, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe/v19nspea07.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2021.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de Pesquisa em Administração**. 15ª edição. São Paulo: Atlas, 2014.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS ARTESÃOS
INDÍGENAS NO ESTADO DO CEARÁ, NO BRASIL, E NO ESTADO DE NUEVO
LEÓN, O MÉXICO**

Roteiro de entrevista (Em português)

CENTRALIZAÇÃO DO TRABALHO (*Envolvimento indivíduo-trabalho*)

1. História pessoal (Apresentação geral do artesão)
2. História do artesão, o início (Como aprendeu a realizar o trabalho?)
3. As atividades atuais (Como e Quanto tempo trabalha/vive da sua arte?)
4. Inspiração, visão pessoal do trabalho (Qual sua inspiração para realizar o seu trabalho?)
5. O que é trabalho para você?

NORMAS SOCIAIS (*Direitos e Deveres*)

6. Como as pessoas ao seu redor percebem o seu trabalho?
7. Como você precifica o seu produto?
8. O que você acha que poderia facilitar o seu trabalho, internamente e externamente?

RESULTADOS E OBJETIVOS VALORIZADOS (*Motivação/Benefícios*)

9. Qual o impacto que seu trabalho tem para sua vida e para a sociedade?
10. Quais as suas expectativas para o futuro em relação ao seu trabalho?